

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

PATRÍCIA DOS SANTOS RICARTE

*POSSÍVEIS VARIÁVEIS ENVOLVIDAS NO DESENVOLVIMENTO E
MANUTENÇÃO DE RESPOSTAS QUE CARACTERIZAM A DEPENDÊNCIA
QUÍMICA A PARTIR DE RELATO VERBAL*

SÃO PAULO

2011

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

PATRÍCIA DOS SANTOS RICARTE

*POSSÍVEIS VARIÁVEIS ENVOLVIDAS NO DESENVOLVIMENTO E
MANUTENÇÃO DE RESPOSTAS QUE CARACTERIZAM A DEPENDÊNCIA
QUÍMICA A PARTIR DE RELATO VERBAL*

Trabalho de conclusão de curso como
exigência parcial para a graduação no curso
de Psicologia, sob orientação da Prof^a Dr^a
Mônica Helena Tieppo Alves Gianfaldoni

SÃO PAULO

2011

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus pela vida e pelas oportunidades concedidas.

Agradeço a minha mãe pelo amor, pela dedicação e por acreditar em meu potencial.

Agradeço ao meu irmão pelo apoio, ideias, orientações e sugestões. E por desde pequena me proteger e me ensinar tantas coisas.

Agradeço a professora Mônica pela orientação, motivação e por respeitar minhas opiniões.

Agradeço aos participantes e colaboradores, sem os quais esta pesquisa teria sido impossível.

Agradeço aos meus amigos por terem tornado esses anos inesquecíveis.

Agradeço a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a realização deste sonho.

A todos vocês: Muito obrigado!

PATRÍCIA DOS SANTOS RICARTE

POSSÍVEIS VARIÁVEIS ENVOLVIDAS NO DESENVOLVIMENTO E MANUTENÇÃO DE RESPOSTAS QUE CARACTERIZAM A DEPENDÊNCIA QUÍMICA A PARTIR DO RELATO VERBAL, 2011

Orientadora : Prof^a Dr^a Mônica Helena Tieppo Alves Gianfaldoni

RESUMO

A partir do referencial teórico da Análise do Comportamento de Skinner esta pesquisa teve por objetivo realizar um estudo exploratório das variáveis críticas envolvidas no desencadeamento e na conservação dos comportamentos de busca e consumo de drogas descrito por quatro participantes. Os sujeitos foram selecionados em ONGs e clínicas de cunho público e privado especializadas no acolhimento e tratamento de dependentes químicos. As funções de estímulo discriminativo e reforçador exercidas pelas drogas; a crise de abstinência condicionada; o retorno ao ambiente pré-tratamento sem um treino adequado; a valorização das drogas em nossa sociedade; e a ausência de demais reforçadores positivos foram as principais variáveis apontadas pelos autores estudados como fatores de risco para o desenvolvimento da dependência química. Os resultados confirmam o possível envolvimento da relação entre essas variáveis e os problemas referidos pelos participantes.

Palavras –chave: dependência química , análise do comportamento, álcool, drogas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Algumas considerações acerca da Análise do Comportamento.....	3
O Relato Verbal	6
Dependência Química sob a Ótica da Análise do Comportamento	11

MÉTODO

Participantes.....	22
Instrumento.....	23
Procedimento de coleta de dados.....	25
Procedimento de análise dos dados	25

RESULTADOS E DISCUSSÃO	26
------------------------------	----

CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
----------------------------	----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	35
---------------------------------	----

ANEXOS.....	38
-------------	----

Desde criança conheço o impacto que a dependência química de um membro pode provocar em toda a dinâmica familiar. Na adolescência descobri que a problemática da toxicomania não era uma característica exclusiva da minha família, pois quase a totalidade das pessoas com as quais eu me relacionava na época sabia o que era ter um parente dependente de álcool ou demais drogas.

Este indivíduo é, muitas vezes, tido por sua família como mau-caráter, ocioso e amoral. Estabelece-se uma relação de vitima-algoz com a família, em que esta assume o papel de vitima deste membro que se tornou um dependente e agora também é o responsável de todos os problemas que acomete esse grupo. Entretanto, eu, como membro de uma dessas famílias, nunca fui capaz de compartilhar deste ponto de vista e compreender este dilema de maneira tão simplificada, como numa relação de vítimas e culpados.

Na universidade, observando o comportamento dos meus colegas, várias questões vieram à tona: o que levava um indivíduo a estabelecer uma relação tão profunda com as drogas; algumas pessoas apresentavam uso que eu considerava abusivo e não se tornavam dependentes; muitos destes usuários, inclusive, descontinuavam o uso dessas substâncias espontaneamente.

Assim, com a proposta de desenvolver um projeto de pesquisa para final do curso de Psicologia, surgiu o interesse em realizar um estudo com dependentes químicos com o objetivo de compreender, a partir do próprio relato destes sujeitos, algumas variáveis ambientais que poderiam ser responsáveis por desenvolver e manter o uso abusivo de drogas. O referencial teórico a ser utilizado para investigar o fenômeno em tela será o da Análise do Comportamento, abordagem que tem se preocupado em descrever condições de instalação e manutenção de comportamentos. Investigando o modo como estes são aprendidos e modificados pelas condições antecedentes e consequentes.

Quando procuramos na literatura sobre a temática das drogas observamos que este ainda é um tema pouco pesquisado pelos analistas do comportamento em território nacional, levando o estudante que deseja se aprofundar no assunto a recorrer a pesquisas e livros estrangeiros. Igualmente, os trabalhos publicados por outras abordagens psicológicas ou mesmo outras ciências, em sua maioria, focam apenas a questão da violência, do tráfico e dos malefícios físicos e sociais envolvidos. Havendo, portanto, uma escassez de trabalhos que procuram dar voz e conhecer a história de vida dos indivíduos dependentes dessas substâncias.

Dessa forma, este trabalho justifica-se científico-teoricamente por contribuir para a Psicologia, e principalmente para a Análise do Comportamento, ampliando este campo pouco explorado e provocando demais pesquisadores a se engajarem na busca do entendimento e das soluções para este problema.

Além disso, esta pesquisa justifica-se socialmente, pois os dependentes para mais de sofrerem os efeitos tóxicos da droga, ainda estão sujeitos a doenças decorrentes da má alimentação, do sono insuficiente, da queda da resistência imunológica e das infecções a que se expõem. Suas relações sociais são destruídas, uma vez que o estado de intoxicação conduz à negligência para com os deveres em casa, no trabalho e na comunidade; ainda esses indivíduos estão sujeitos a toda uma série de acontecimentos, envolvendo a justiça e a polícia e traficantes. Dados do *Journal of Applied Behavior Analysis* (SILVERMAN, 2008) revelam que a dependência química é um dos mais custosos problemas de saúde, pois estimativas do *The National Institutes of Health* demonstram que a dependência em drogas custa cerca de 500 bilhões de dólares por ano ao EUA, um valor que supera as principais doenças médicas, como o câncer e cardiopatias. Então procurar a causa da dependência e uma maneira mais eficaz de tratá-la se mostra relevante para toda a nossa sociedade.

O crescente aumento do consumo de drogas em nossa sociedade tem contribuído para o aumento de incidência da dependência química. Dados do segundo e mais recente Levantamento Domiciliar sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil, num estudo com uma amostra de 7939 participantes provenientes das 108 maiores cidades do país, realizado em 2005 pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) em parceria com o Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID), sob supervisão de Carlini e coordenação de Galduróz, revelam que 22% da população pesquisada já fizeram uso de alguma droga, que não fosse tabaco e álcool, em algum momento da vida. Este estudo também revelou a predominância do sexo masculino em todas as regiões do país no que diz respeito ao uso de drogas, sendo quase 20% maior que o feminino.

Considerado o uso de álcool, obteve-se que nessas cidades a porcentagem foi, em média, de 74,6%. O menor uso aconteceu na região Norte do país (53,9%) e o maior na região Sul (80,4%). Quanto à dependência de álcool, a prevalência também é maior para o sexo masculino, cerca de quatro vezes maior que o feminino. A relação entre o uso e a dependência mostrou que a cada quatro homens que fazem uso de

álcool na vida, um se torna dependente. Enquanto cada dez mulheres que fizeram uso de álcool na vida, apenas uma se torna dependente.

A maconha foi a droga ilícita mais consumida por essa população representando uma quantia de 8,8% dos que já fizeram uso em algum momento da vida. A prevalência do uso de cocaína e crack foi, respectivamente, 2,9% e 0,7%.

No ano de 2010, o Relatório Mundial sobre Drogas, divulgado pela Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC), reiterou o crescimento no consumo de drogas, bem como da apreensão de cocaína em território brasileiro. Estima-se em 900 mil o número de usuários de cocaína no País e em 650 mil o de usuários de opiáceos.

Justificando a importância da investigação do tema da dependência de drogas e o referencial teórico, este Trabalho de Conclusão de Curso apresenta na Introdução alguns princípios da Análise do Comportamento e do Behaviorismo Radical, filosofia teórica dessa ciência. Além disso, levantou-se dados que contemplassem uma possível definição de dependência química para os analistas do comportamento e buscou-se pesquisas que explorassem especificamente as variáveis ambientais que geram e mantêm o consumo abusivo de drogas.

Algumas considerações acerca da Análise do Comportamento

O Behaviorismo Radical é o arcabouço teórico-filosófico que orienta as práticas de uma ciência psicológica denominada Análise de Comportamento. Segundo Skinner (1974, p.7): “O Behaviorismo não é a ciência do comportamento humano, mas sim a filosofia dessa ciência”.

Esta filosofia, proposta por Skinner, define o comportamento como objeto de estudo da psicologia, entendido aqui como a inter-relação que um indivíduo estabelece com o ambiente. Skinner (1978) afirma que o comportamento é a interação entre as atividades de um organismo, chamadas de respostas, e os eventos ambientais, chamados de estímulos.

As respostas correspondem às ações ou atos emitidos pelo organismo, seja este ato público, isto é, observável por mais de uma pessoa, ou privado, só acessível a quem o emite. Exemplos de respostas privadas são o pensamento, a emoção e o sentimento e, neste caso, outras pessoas podem no máximo inferir o que alguém pensa ou sente. Os estímulos podem ser públicos ou privados, físicos ou sociais, e

podem anteceder ou consequenciar respostas, as quais, por sua vez, podem ser manifestas ou encobertas.

Na Análise do Comportamento utiliza-se sempre o termo contingência para referir-se à relação de dependência entre os eventos ambientais e as respostas do organismo. A contingência de dois termos (R - Sr) diz respeito à relação entre a resposta e a consequência que a segue. Contudo, Skinner afirma (1969) que todo estímulo que estiver presente quando uma resposta é reforçada, se torna capaz de adquirir controle sobre elas, fazendo com que essas respostas aumentem de frequência na presença dele. Dessa forma, a relação de dois termos se estende para três termos (Sd- R - Sr), uma vez que inclui um estímulo antecedente.

Uma formulação adequada da interação entre um organismo e seu ambiente deve sempre especificar três coisas: (1) a ocasião em que a resposta ocorre; (2) a própria resposta, e (3) as consequências reforçadoras. As inter-relações entre elas são as contingências de reforço. (SKINNER, 1953, p. 5).

Preocupado em encontrar as causas do comportamento de maneira a entender por que os organismos se comportam como o fazem, Skinner desenvolve um modelo de causalidade definido como Seleção por Consequências. De acordo com este modelo, os determinantes do comportamento devem ser buscados em três níveis de variação e seleção: a história da evolução da espécie, a história de vida pessoal dos indivíduos e as práticas culturais (SKINNER, 1984).

A história da evolução de uma espécie ou nível filogenético corresponde ao processo denominado por Darwin como Seleção Natural. Neste processo os indivíduos mais aptos às exigências do meio, atingem a maturidade e transmitem seus genes aos decentes. Os produtos da seleção natural são os comportamentos ditos inatos, que são aqueles que outrora aumentaram as chances de sobrevivência e reprodução de uma determinada espécie.

A história da vida do indivíduo ou nível ontogenético, é marcada pelo processo que Skinner denominou Condicionamento Operante, no qual consequências ambientais ocasionadas pela emissão de uma resposta por parte do sujeito retroagem sobre este, alterando a probabilidade futura de emissão dessa resposta. De acordo com Skinner (1978, p.1): “Os homens agem sobre o mundo e o modificam e, por sua vez, são modificados pelas consequências de sua ação”.

Segundo Skinner (1953) a unidade de análise do comportamento operante é a contingência de três termos, porque neste nível lidamos sempre com conseqüências produzidas por uma resposta numa determinada situação.

As praticas culturais ou nível cultural proposto no modelo de seleção por conseqüências dizem respeito à evolução de ambientes sociais e culturais, possível a partir do controle operante do comportamento verbal, que permitiu a aprendizagem por observação e imitação de um modelo, ampliando, assim, os limites da aquisição de novas respostas durante a vida de um organismo (SKINNER, 1984).

As variações que ocorrem aleatoriamente nos genes, nas respostas dos organismos individuais e nas práticas culturais são selecionadas, em cada um desses três níveis, pelo ambiente.

A partir destes dados, observamos que o modelo de seleção por conseqüência sugerida por Skinner supera um modelo mecanicista. Não se reconhece uma única causa para um determinado comportamento, mas sim a múltipla determinação deste e se considera que esses fatores não são unidirecionais nem agem de maneira isolada ou independente. (SKINNER, 1984).

Para o Behaviorismo Radical, processos mentais ou eventos subjetivos de um indivíduo, apesar de não serem negados, não podem ser considerados causa, como eventos anteriores determinantes, de um repertório comportamental. E manter o hábito de procurar causas internas, só obscurece as variáveis ambientais que podem ser previstas e controladas por uma ciência natural.

[...] “mente” e “idéia”, suas características especiais, foram inventadas ad hoc para proporcionar explicações espúrias. Uma ciência do comportamento não pode esperar muito desse procedimento. Já que eventos mentais ou psíquicos, afirma-se, não tem as dimensões características das ciências físicas, há uma razão adicional para rejeitá-los. (SKINNER, 1953, p.33)

O comportamento observável deve ser relacionado com variáveis ambientais, também observáveis. Somente as variáveis ambientais, que podemos chamar de condições externas das quais um comportamento é função, nos permite realizar uma análise causal ou funcional. (SKINNER, 1953).

Segundo Matos (2001), os comportamentos evoluem e se mantêm porque tem uma função de utilidade para aquele individuo, garantindo a sobrevivência em um ambiente complexo. Dessa forma, nenhum comportamento, por mais lesivo que seja para o próprio organismo, pode ser considerado patológico ou anormal, pois tem/teve

um valor de sobrevivência, ainda que seja uma desvantagem biológica. “Fazer uma análise funcional é identificar a função, isto é, o valor de sobrevivência de um determinado comportamento.” (MATOS, 2001, p. 8).

Na Análise do Comportamento nós falamos de uma mudança na variável experimental (algumas vezes chamadas de independente) quando queremos nos referir à causa de um comportamento, enquanto o efeito é substituído por uma mudança na variável de observação (algumas vezes chamada de dependente). Sendo assim, descrever os estímulos antecedentes e as conseqüências que seguem a resposta em questão é condição primeira para a identificação das relações funcionais. Enquanto que para se mudar um comportamento já estabelecido, novos conjuntos de relações funcionais devem ser construídos.

Assim, a análise funcional é a identificação das condições que afetam o comportamento de um indivíduo a partir da manipulação do ambiente externo. O controle das complexas variáveis que operam sobre este comportamento, nos permite prever e até mesmo controlar os mesmos. (SKINNER, 1953).

O Relato Verbal

Considerando que o material a ser analisado no presente estudo é o próprio discurso verbal dos participantes acerca da sua experiência com substâncias químicas, é importante voltarmos nossa atenção para a definição de comportamento verbal, frisando o comportamento do indivíduo que relata o que se fez e o porquê se fez.

Skinner em seu livro de 1957, *Verbal Behavior*, propõe uma nova maneira de enxergar e nomear o fenômeno da linguagem. Esta maneira é pouco familiar aos tradicionais métodos de explicação que são produzidos e estudados por disciplinas como a Retórica Clássica, a Gramática, a Lógica, a Metodologia Científica, a Lingüística, a Semântica, entre muitas outras.

Primeiramente ele escolhe o termo “comportamento verbal”, visando enfatizar o comportamento do falante individual, pois o termo linguagem estava associado às práticas da comunidade verbal. Dessa forma, para Skinner (1978), comportamento verbal não é sinônimo de fala ou linguagem, uma vez que esses termos referem-se apenas a uma parte do comportamento verbal, à fala, ao som que o indivíduo emite, não englobando a parte escrita.

O comportamento verbal tal como o comportamento de busca e consumo de drogas é operante, ou seja, abrange sempre a interdependência entre um estímulo antecedente, uma resposta e uma consequência, pelo menos. Sendo assim, todos os processos que envolvem outras relações operantes, também, podem ocorrer no comportamento verbal e a análise se dá através dos mesmos conceitos.

Ao analisarmos a história evolucionária de nossa espécie podemos constatar que o comportamento verbal surgiu em uma fase relativamente tardia, pois o mesmo só foi possível com o controle operante da musculatura vocal. Skinner (1974) destaca que diferentemente de outros comportamentos operantes que são comuns à espécie humana e às demais espécies animais, o comportamento verbal é uma particularidade da espécie humana.

Entretanto, a principal peculiaridade do comportamento verbal está no fato de que quando nos comportamos verbalmente não alteramos o meio de forma direta e mecânica, mas indiretamente, por intermédio da ação de outras pessoas (SKINNER, 1978). Neste caso, por exemplo, não precisamos mais nos dirigir a uma janela para fecha – lá; podemos simplesmente pedir que alguém o faça. O ato de fechar a janela é reforçado pela própria ação de quem se comportou. Pedir a alguém para fechar a janela é reforçado pela ação do ouvinte que a fechou.

Skinner (1974) conclui que o comportamento verbal é reforçado e mantido pelo seu efeito sobre outras pessoas. É devido a essa característica que o comportamento verbal não mantém necessariamente as mesmas relações espaciais, temporais e mecânicas que outros comportamentos operantes.

Para Matos (1991), o comportamento verbal é essencialmente definido pela ênfase no caráter relacional, uma vez que envolve a relação entre um ouvinte (ambiente social) e um falante (emitente). O ouvinte é aquele que responde aos estímulos verbais emitidos pelo falante. Este, por sua vez, comporta-se verbalmente perante o ouvinte, que simboliza um estímulo discriminativo para suas verbalizações e torna-se um ouvinte quando se comporta funcionalmente a estímulos verbais produzidos por outros indivíduos ou até por ele mesmo.

Como podemos observar essa definição do comportamento verbal oferece maior destaque ao papel do falante, pois o comportamento do ouvinte apesar de ser mediador não é necessariamente verbal em todas as ocasiões. Todavia, o autor ressalta o condicionamento especial a que o ouvinte foi submetido, pois só somos

sensíveis e temos nosso comportamento alterado pelas vocalizações emitidas por alguém por causa das práticas de nossa comunidade verbal (SKINNER, 1974).

De acordo com Skinner, a emergência do comportamento verbal levou a ampliação do número de ações humanas sobre o ambiente social, pois passamos a ensinar as pessoas a realizar determinadas tarefas apenas descrevendo o que e como fazer, prevenindo-as das conseqüências de suas ações. Passamos também a relatar as contingências de nosso próprio comportamento, a fim de analisá-los (SKINNER, 1974).

Skinner, todavia, nos alerta que cada interação verbal do indivíduo com o ambiente social precisa ser analisada isoladamente, pois pedir água por estar com sede não significa a mesma coisa que dizer água diante de uma poça de água. Cada um desses comportamentos ocorre em um contexto específico, tem uma conseqüência única e são aprendidos separadamente. A partir dessa constatação Skinner afirma que ao estudarmos o comportamento verbal precisamos atentar para a menor unidade de análise possível, que nos permite identificar as diferentes contingências envolvidas na construção do comportamento verbal (SKINNER, 1978). A menor unidade de análise recebeu o nome de operante verbal. Existem variados tipos de operantes verbais, cada uma descrevendo uma contingência diversificada.

Neste trabalho o operante verbal de interesse é o tato.

Skinner (1978) define como tato “um operante verbal, no qual uma resposta de certa forma evocada (ou pelo menos fortalecida) por um objeto particular, ou um acontecimento, ou propriedade de objeto ou acontecimento” (p. 108). De outro modo, o tato é um operante verbal em que a resposta verbal é emitida na presença de um estímulo antecedente não verbal e produz como conseqüência o reforço condicionado generalizado.

Para que o tato se estabeleça e ocorra é necessário a existência de uma comunidade verbal que reforce a resposta verbal que ocorre na presença desses estímulos antecedentes com muitos reforçadores ou com um reforçador generalizado, enfraquecendo a relação com estados de privação ou estimulação aversiva (Skinner, 1978).

De Rose afirma (1997) que o relato verbal pode ser incluído na categoria do operante verbal tato, uma vez que o relato verbal é definido como um comportamento verbal que está sob controle de um estímulo antecedente não verbal. Por exemplo, no

caso de relatar o que se fez, a resposta verbal emitida pelo falante é controlada pelo seu próprio comportamento.

Ainda conforme De Rose (1997), o relato verbal é uma fonte de dados muito utilizada na Psicologia como base de entrevistas clínicas, levantamentos e avaliações padronizadas, entrevistas pós-experimentais. E de maneira semelhante, pode-se observar que diversas outras ciências empregam instrumentos que também tomam como dado básico o relato verbal na coleta de dados.

Entretanto, na pesquisa em Análise do Comportamento o relato verbal costuma ser utilizado com moderação, uma vez que os estudiosos desta abordagem teórica preferem a observação direta do comportamento de interesse. Acontece que nem sempre tal técnica é possível. Portanto, o uso do relato verbal se faz necessário porque permite que o pesquisador tenha acesso a informações que não teria de outra maneira, ou por não estar presente no momento do evento relatado ou porque o relato se refere a comportamentos encobertos do sujeito. Em outras palavras, o uso do relato verbal como estratégia metodológica é adequado quando o pesquisador não tem acesso fácil e direto à informação desejada e o sujeito é a fonte mais direta para sua obtenção. (DE ROSE, 1997).

Segundo o autor, informações sobre comportamentos manifestos ocorridos no passado, pouco acessíveis a observação (como por exemplo, comportamento sexual e uso de drogas) e comportamentos cuja probabilidade é afetada pela presença do pesquisador ou que envolvem alto custo material, bem como informações sobre eventos privados (pensamentos, imagens, sensações, sentimentos, estados emocionais, etc.) são impossíveis de serem obtidas de outra forma. Nesse caso, o relato verbal é o meio mais eficaz para a obtenção de tais informações, uma vez que é fornecido por alguém que as detém e que se dispõe a fornecê-las ao pesquisador (DE ROSE, 1997, p.152).

Contudo, os relatos verbais podem ser imprecisos e, por vezes, incoerentes em relação ao que realmente ocorreu. A este respeito Skinner (1974) afirma que comportar-se e saber relatar este mesmo comportamento são coisas diferentes. O controle discriminativo sobre ambos os comportamentos são adquiridos por meio de reforçamento diferencial, mas, no último caso, tal controle só se torna possível quando contingências especiais são arranjadas pela comunidade verbal.

Nossa comunidade se acostumou a assumir emoções e sentimentos como causas de nossas ações, devido à proximidade temporal entre estes eventos internos

e o comportamento relatado. Logo, modelar e manter relatos precisos é difícil, pois a comunidade ensina seus membros a relatarem da mesma forma que anteriormente aprendeu, o que faz com que a mesma promova relatos que oferecem sentimentos e emoções como aspectos causais do comportamento. (SKINNER, 1974).

Para De Rose (1997), a precisão de um relato depende do grau de controle discriminativo exercido pelo estímulo antecedente sobre a resposta verbal. Mas a precisão desse controle depende “do grau de acesso do falante a este estímulo discriminativo, do grau de acesso da comunidade verbal aos estímulos quando o repertório está sendo estabelecido, e dos procedimentos utilizados pela comunidade para estabelecer e manter o repertório” (p. 152).

De Rose (1997) ainda alerta para o fato de se utilizar o relato verbal como meio de coleta de dados numa pesquisa que está interessada nos comportamentos do entrevistado, pois uma pessoa pode ignorar muita coisa a respeito de si própria e isso pode comprometer seus relatos. Então, o pesquisador deve estar cômico dessas limitações ao fazer inferências.

Muitos estudos foram feitos no sentido de analisar a acurácia entre aquilo que as pessoas fazem e aquilo que dizem que fazem. Entre os estudos mais famosos está o realizado por Ribeiro (1989), que objetivava analisar os efeitos do reforçamento diferencial sobre as respostas verbais de crianças, verificando assim a correspondência entre o relato e o comportamento de brincar. Após o experimento, o autor observou que ocorreram situações em que não houve correspondência entre aquilo que foi relatado pela criança e o seu brincar de fato. O autor sugere que, nesse caso, o comportamento verbal teria ficado sob controle da consequência e não da condição antecedente.

Com este trabalho, constatamos que o relato verbal pode ficar sob controle das contingências de reforçamento, ou seja, que a correspondência entre o dizer e o fazer pode ser comprometida quando são proporcionadas consequências especiais ao falante.

O trabalho aqui apresentado, então, fundamenta-se no modelo de Skinner de Seleção por Consequências e pretende sugerir possíveis relações funcionais envolvidas na aquisição e manutenção do conjunto de respostas que tradicionalmente têm sido identificadas como dependência química. Assim, após esta breve apresentação da ciência do comportamento, pode-se retomar a temática da dependência química.

Dependência Química sob a Ótica da Análise do Comportamento

O DSM-IV (1994) define dependência química como um padrão mal adaptativo de uso de substâncias, levando a comprometimento ou sofrimento clinicamente significativo, ocorrendo em qualquer momento no mesmo período de 12 meses. Para o critério de dependência é preciso que ocorram pelo menos três dos seguintes critérios: tolerância à substância química (precisa-se consumir mais para produzir o mesmo efeito); síndrome de abstinência; o uso persiste apesar das tentativas de parar; há perdas em atividades sociais, ocupacionais ou recreativas; e/ou a percepção que esse uso causa ou exacerba problemas físicos e psicológicos. Acresce-se a estes, o fato de que os comportamentos associados à droga ocorram em alta frequência e a substância seja consumida em doses ou períodos maiores que o inicialmente planejado (APA, 1994).

Conforme descrito anteriormente, a Análise do Comportamento procura as condições ambientais responsáveis pelo surgimento de um comportamento. Dessa forma, questiona os critérios de classificação da dependência química apresentadas pelo DSM IV, pois estes critérios são apenas descrições da topografia das respostas retiradas de seu contexto, não apresentando qual a situação antecedeu o responder e nem as conseqüências que ocorrem após a resposta ser emitida. Sem essas informações não podemos compreender como o comportamento se estabelece e se mantém.

Usaremos o termo dependência para transmitir a idéia de um extremo dentro de um espectro de envolvimento com o uso de droga. Este nível de envolvimento é marcado pela perda de interesse por outras fontes de reforçadores positivos.

O emprego dos conceitos da terapia comportamental no estudo da dependência de drogas é relativamente recente. De acordo com Milby (1988, *apud* OLIVEIRA,1997) foi apenas no final da década de 70, com a publicação dos estudos de O'Brien & Raynes, que muitos terapeutas comportamentais começaram a se interessar por essa temática.

De acordo com Schuster (1994), a maioria das pesquisas sobre drogas na Análise do Comportamento tem utilizado animais infra-humanos, que possibilitam não apenas investigar uma ampla gama de variáveis ambientais que influenciam o fato do organismo se auto-administrar drogas, como também se mostra vantajoso por estimular os pesquisadores a excluir possíveis "necessidades psicológicas",

transtornos de personalidade ou de caráter responsáveis pelo uso de drogas. O emprego de animais para os estudos sobre drogas nos obriga a olhar para o fenômeno a partir das variáveis empíricas que podem ser manipuladas.

A Análise do Comportamento supõe que o comportamento adicto é aprendido e que os mesmos princípios de aprendizagem envolvidos em sua aquisição estão envolvidos em sua cessação ou alteração (MILBY, 1988, *apud* OLIVEIRA, 1997).

Para Oliveira (1997), essa abordagem também se interessa em estudar as conseqüências desse comportamento, visando compreender tanto os efeitos reforçadores que contribuem para o aumento do uso e quanto os negativos que podem inibir o uso. Além dos efeitos reforçadores das drogas, é dada atenção às experiências sociais que antecedem, acompanham e seguem o uso das drogas, uma vez que fatores sociais estão presentes na aprendizagem inicial e no desempenho subsequente do comportamento.

Em uma edição especial sobre drogas do *Journal of Applied Behavior Analysis* (2008) voltada à publicação de pesquisas e dos resultados alcançados nos modernos tratamentos para dependentes, foram apresentados os resultados de pesquisas de laboratório, realizadas por Silverman e sua equipe. Os autores utilizam-se de modelos humanos e não-humanos para estudar a dependência de drogas, e provam que esta se refere a um comportamento operante e, portanto, que é mantido e modificado por suas conseqüências. Foi destacado ainda que a dependência seria antes de tudo um comportamento determinado pela aprendizagem que surge da relação do indivíduo com seu ambiente (SILVERMAN, 2008).

Em um artigo intitulado “*Análise funcional das dependências de drogas*” (2001), Silva, Guerra, Gonçalves & Garcia-Mijares afirmam que não devemos conceber a adicção como uma patologia, pois os comportamentos associados ao consumo de drogas seguem os mesmos princípios dos comportamentos ditos normais ou aceitáveis; o termo patológico refere-se a uma suposta doença, um desvio do estado normal. Dessa maneira, o comportamento do chamado dependente químico obedece às mesmas leis do comportamento “normal” de todos os animais, e segue as mesmas leis de controle. A dependência pode gerar um comportamento inadequado e lesivo, mas nunca desviante.

Outro problema em se considerar a dependência como doença, é que, para drogas de propriedades distintas, como opioides e estimulantes, o modelo precisaria explicar um mecanismo comum de adicção, elucidando que tipo de doença consiste a

dependência e de que maneira esta doença é capaz de fazer com que um indivíduo consuma uma substância, ou mais de uma, com propriedades tão distintas.

Os autores, também, indicam a inadequação do termo dependência física quando tratamos a dependência química como função da síndrome de abstinência. A síndrome de abstinência se refere a respostas fisiológicas, sentidas como desagradáveis, que surgem com a retirada da droga. Seria, portanto, a fuga dessas reações desagradáveis ou a fuga de reações chamadas de medo da abstinência que explicaria a adicção. Contudo, sabemos que drogas como a maconha e a cocaína, não produzem os sintomas característicos da síndrome de abstinência e, no entanto, apresentam elevados padrões de uso abusivo¹.

Por fim, a única maneira de compreender o uso abusivo de drogas é entendendo que este comportamento é determinado por eventos ambientais. A droga nesta perspectiva seria um evento ambiental, ou seja, um estímulo. E assim sendo é capaz de exercer qualquer função que um estímulo potencialmente poderia exercer (SILVA et al., 2001).

Logo, a auto-administração pode ser explicada por funções de estímulo exercidas pela droga ou pelo o quê a mesma foi pareada. A droga pode ter função de um estímulo reforçador, podendo ser tanto positivo ou negativo. Por exemplo, sentir mudanças no Sistema Nervoso Central pode ser um reforço positivo para a resposta de consumir a droga. Já em uma crise de abstinência, a droga assume função de estímulo reforçador negativo na medida em que alivia os sintomas da abstinência.

Oliveira (1997) está de acordo com essa idéia ao afirmar que as respostas de consumo de drogas são sempre seguidas por alguma forma de gratificação imediata: uma sensação corporal prazerosa ou a redução de uma tensão; beber na tentativa de reduzir a ansiedade social ou o fumar para “acalmar os nervos”. Sendo assim, estas respostas são mantidas pelos efeitos do processo de reforçamento operante.

A relação entre síndrome de abstinência e consumo de drogas também foi estudada por demais autores, entretanto, refutando a opinião dos autores acima citados sobre essa temática. O'Brien (1976), por exemplo, sustenta que a fuga ou esquiva dos desagradáveis efeitos físicos e psicológicos da síndrome de abstinência

¹ Pode-se ilustrar este fato indicando que o levantamento UNIFESP – CEBRID acusou a maconha como a droga ilícita mais consumida.

pode ser um forte motivo para que um indivíduo volte a fazer uso de uma substância química. Todavia, o autor revela que do ponto de vista da Análise do Comportamento, as crises de abstinência não fazem referência apenas a uma descrição fisiológica dos efeitos de uma droga num dado organismo, mas também a um estado que mantém estreita relação com o contexto ambiental no qual esse mesmo organismo está inserido. Assim sendo, podemos afirmar que determinados processos comportamentais podem modular os efeitos das drogas definidos pelos conceitos de síndrome de abstinência e dependência (O'BRIEN,1976, *apud* BENVENUTI, 2007).

As idéias de O'Brien ratificam as de Pavlov. Através do processo conhecido como condicionamento respondente ou pavloviano, respostas antes eliciadas por certas substâncias no organismo podem passar a ser eliciadas por eventos ambientais, que acompanham ou precedem o uso de tais substâncias.

Pavlov foi responsável pelo clássico experimento com cães que salivavam diante de aspectos do ambiente que precediam sistematicamente a presença de alimento na boca. A salivação produzida ficou conhecida como exemplo de reflexo condicional, e o processo que torna esse reflexo possível é o já referido condicionamento respondente.

Diferentemente do comportamento operante em que analisamos a relação entre classes de respostas e suas conseqüências, no comportamento respondente visamos à relação entre estímulos e respostas, uma vez que falamos de respostas incondicionais que são eliciadas por estímulos incondicionais e que não dependem diretamente de uma história de aprendizagem. Como por exemplo, o sopro de vento que elicia a resposta de piscar os olhos.

De acordo com Benvenuti (2007),

O valor óbvio de sobrevivência dos reflexos incondicional, que garantem o equilíbrio fisiológico do organismo, é complementado pelo processo de condicionamento de respondente. No condicionamento, tal qual demonstrado nos experimentos de Pavlov e seus colaboradores, respostas com valor para a sobrevivência dos membros de uma espécie podem passar a ser emitidas após a apresentação de outros estímulos. Estímulos inicialmente neutros passam a eliciar respostas dos organismos na medida em que precedem sistematicamente os estímulos da relação respondente incondicional. (p.311)

Com relação à dependência química, certos aspectos do ambiente, como passar por um lugar, estar na presença de certas companhias ou falar sobre drogas,

podem funcionar como estímulos condicionais capazes de produzir os sintomas caracterizadores da síndrome de abstinência.

Para Benvenuti (2007), a síndrome de abstinência, gerada pelo condicionamento respondente, é responsável pela recaída de usuários drogas após tratamentos especializados. Ou seja, embora os sintomas da síndrome de abstinência tenham sido superados dentro de uma clínica de internação, é possível que estes reapareçam tão logo o ex-usuário volte para sua casa e torne a frequentar os lugares que costumeiramente havia utilizado drogas.

A crise de abstinência condicionada justifica a constatação de que a recuperação da dependência não deve se restringir apenas ao ambiente do consultório ou do hospital, mas sim envolver todas as condições sociais que afetam a vida do indivíduo. Quando ocorre um período de abstinência suficientemente longo e a síndrome de abstinência não mais se constitui em uma variável motivadora para a busca de drogas, os reforçadores secundários do ambiente poderão se tornar fonte de reforço, que manterão o comportamento de busca e consumo de drogas. (OLIVEIRA, 1997).

Até mesmo as emoções (ansiedade, medo ou ira) que acompanham o abandono da droga podem atuar como estímulos condicionantes. Posteriormente, esses sentimentos podem provocar uma síndrome de abstinência, uma vez que o indivíduo interpreta todas essas sensações como uma espécie de anseio pela droga e responde a elas com o uso da droga. (JAFFE, PETERSON & HODGSON, 1980).

As propriedades reforçadoras das drogas, também, são analisadas na dissertação de mestrado de Bernardes (2008), na qual a autora afirma que as drogas de abuso funcionam como reforçadores positivos tanto para animais quanto para humanos, pois a entrada de droga no organismo contingente a uma resposta aumenta a probabilidade futura dessa resposta.

Nas palavras de Bernardes (2008):

"Animais não humanos e humanos comportam-se em função de obter drogas como consequência: vão ao bar ou a uma boca de fumo, pressionam uma barra, trabalham, roubam, pedem dinheiro emprestado, injetam, cheiram, bebem, exibem uma complexa cadeia de respostas que, no final, leva à entrada da droga no organismo". (p. 6)

A autora nos lembra que as drogas são reforçadores especiais, uma vez que atuam muito mais diretamente no circuito cerebral do reforço do que outros

reforçadores. Além disso, não produzem saciedade, diferentemente de outros reforçadores primários. Mas as drogas podem ser equiparadas aos reforçadores primários tal como comida, água e sexo, pelo fato de estas substâncias agirem diretamente no substrato central do reforço que foi selecionado por contingências de sobrevivência (BERNARDES, 2008).

Opinião semelhante é compartilhada por Oliveira (2007), que acredita que as substâncias de abuso além de atuarem nas mesmas regiões cerebrais que os reforçadores primários, talvez não precisem de uma história de aprendizagem específica para adquirir valor reforçador para muitos organismos.

Dessa forma, Oliveira (2007) buscando compreender a dependência química a partir do modelo de variação e seleção admite que os efeitos das drogas envolvem aspectos da filogênese por atuarem diretamente no circuito de recompensa e por alterarem a frequência de respostas do organismo sem um treino prévio. Diferenças selecionadas na filogênese também explicariam o porquê de alguns indivíduos responderem mais a algumas substâncias que outros. Mas tais diferenças também podem ser relacionadas com a ontogênese, pois o valor reforçador da droga também pode ser alterado sob determinadas condições ambientais a que apenas o indivíduo teve acesso.

Por fim, os padrões culturais de aceitação, acessibilidade, valorização ou repressão social de determinadas drogas costumam manter relação direta com a dependência química (OLIVEIRA, 2007). Pode-se concluir daí que a aprendizagem social contribui para determinar o uso de drogas, como por exemplo, o uso de drogas na família ou pelo grupo de amigos e a exibição do uso de drogas pelos meios de comunicação em massa.

No livro, "Tóxicos e outros vícios", os autores discutem a forte influência da cultura no consumo de drogas. Segundo Jaffe, Peterson & Hodgson (1980) cada sociedade desenvolve normas e diretrizes para a utilização de substâncias químicas, definindo quais são aceitáveis, quais só podem ser utilizadas mediante prescrição de um médico ou sacerdote e quais são as intoleráveis.

As atitudes sociais com relação a uma substância, seu preço e sua disponibilidade determinam quem serão seus usuários. O fumo e o álcool costumam ser experimentados por quase todas as pessoas no mundo ocidental de hoje, como os dados da pesquisa UNIFESP/CEBRID (2005) indicam. O consumo da maconha é bastante comum, mas da heroína nem tanto. E o fácil acesso a uma droga pode ser

um fator de dependência, como observamos pelas altas taxas de médicos e enfermeiras viciados em substâncias disponíveis em seus locais de trabalho (JAFPE, PETERSON & HODGSON,1980).

A influência do grupo é facilmente observada no comportamento dos adolescentes, uma vez que nessa fase da vida é comum a necessidade de nos conformarmos ao que nossos pares estão fazendo; isso se aplica tanto ao uso do jeans da moda e do estilo musical que se deve ouvir quanto ao consumo ou não consumo de drogas.

Muitos experimentos realizados em laboratório e utilizando animais foram feitos no sentido de se estudar o poder das drogas em reforçar as respostas que as produzem. Um exemplo é o experimento realizado por Johanson (1988, *apud* OLIVEIRA, 1997) em que macacos precisavam pressionar uma barra para receber uma dose de cocaína. Progressivamente o pesquisador foi aumentando o número de vezes que o animal precisava pressionar a barra para obter uma única dose de reforço. Os resultados sugerem que os macacos são capazes de responder de 6.400 a 12.800 vezes por dose única.

Em um segundo experimento, macacos *Rhesus* podiam escolher entre a cocaína e outros reforçadores positivos. Quando tiveram que optar entre cocaína e manter contato visual com outros macacos, os sujeitos experimentais preferiram a droga. Em estado de privação de alimentos, a escolha também recaiu sobre a cocaína. Na segunda etapa do experimento, o recebimento da droga era contingente a um choque elétrico, mesmo nessa situação os animais emitiam uma alta taxa de respostas. Por fim, escolheram receber uma dose alta de cocaína acompanhada de choque elétrico em detrimento de uma dose baixa, porém sem choque. (JOHANSON, 1988, *apud* OLIVEIRA, 1997).

Para Oliveira (1997), os efeitos reforçadores são adicionais às razões para experimentar a droga. Um indivíduo pode consumir uma droga pela primeira vez por pressão dos companheiros, mas mantém o uso por conta dos efeitos agradáveis que experimentou. Estes efeitos reforçadores aumentam com as repetições e freqüentemente se tornam o principal motivo para aumento das doses.

No entanto, algumas drogas como os opiáceos, heroína e morfina podem ser sentidas como desagradáveis e nauseantes nas primeiras experimentações. Nesse caso, o encorajamento dos companheiros pode ser altamente reforçador para que o

sujeito persista no uso. Sendo assim, o meio social e o reforço social se configuram como os fatores mais reforçadores no abuso inicial (OLIVEIRA, 1997).

Apesar de essas pesquisas comprovarem que as drogas são fortes reforçadores sabemos que nem todas as pessoas as usam. Conforme Jaffe, Perterson & Hodgson (1980) isso ocorre porque os seres humanos têm acesso a muitos reforçadores positivos, como sexo, as recompensas advindas dos relacionamentos interpessoais e alimentos saborosos. Para muitas pessoas, o uso contínuo das drogas pode ser incompatível com essas recompensas. Os usuários experimentais apesar de apreciarem os efeitos das drogas, também, se preocupam em evitar os efeitos colaterais sociais e médicos que sobrevêm com o uso contínuo.

As considerações feitas até o momento, permitem afirmar que, como para qualquer comportamento operante, o que quer que seja ou não reforçador para um organismo depende de sua história de vida individual e das condições do ambiente em que ele se insere.

Sobre a questão de variáveis que controlam o consumo abusivo de drogas, Bernardes (2008) apresenta dados interessantes.

O objetivo da pesquisa de Bernardes (2008) era descobrir se a disponibilidade de reforços no ambiente de criação seria capaz de influenciar o consumo de álcool em ratos. Para tal, a autora utilizou duas amostras de animais: uma com animais criados desde o desmame em um ambiente que permitisse o desempenho de comportamentos naturais da espécie, como esconderijos, material para construção de ninhos, objetos variados para manipulação, objetos imóveis que possibilitem movimentos diversos e objetos para serem roídos e usados para o desgaste dos dentes; uma segunda amostra criada desde o desmame em caixas individuais de laboratório, não contendo nenhum objeto. A partir da análise dos resultados a autora chega à conclusão que ratos criados em isolamento consomem mais álcool e este apresenta um maior valor de reforçador para esses animais, uma vez que estes vivem em um ambiente com ausência de reforçadores concorrentes à droga.

Assim, uma possível variável capaz de manter o uso de substâncias é a ausência de demais reforçadores no ambiente do indivíduo, pois quando se tem diversas atividades o valor reforçador e, portanto, a frequência de respostas nessa alternativa é menor do que se apenas uma delas estiver disponível.

A idéia de que um ambiente pobre em reforçadores pode ser uma variável que sustenta o consumo de tóxicos encontra respaldo no artigo “Análise funcional das dependências de drogas” (2001) e em um artigo publicado por Holland (1978).

Silva, Guerra, Gonçalves & Garcia-Mijares (2001) acrescentam que é usual encontrarmos indivíduos que abusam de drogas por possuírem poucas fontes de reforçadores em sua vida. Então, se existem poucos reforçadores positivos no ambiente de um organismo, é bastante provável que a presença de um reforçador de valor alto, como são muitas das drogas, controle a maior parte das respostas emitidas por este sujeito.

Os autores apontam que uma questão fundamental quando falamos de qualquer comportamento é ter clareza que a escolha de determinada atividade depende das outras possibilidades encontradas na mesma situação. Um animal humano ou não, sempre colocará mais empenho na resposta que oferece maior reforço (a depender de outras condições como o custo de resposta, a imediatez ou não do reforço).

Já Holland (1978) realizou um estudo sobre o fracasso de tratamentos de dependentes químicos em contextos ambulatoriais. De acordo com o autor, estes tratamentos freqüentemente negligenciam os dados relativos à aprendizagem discriminada. Os problemas do lar, os bares ou as ruas nos quais surge o problema do beber excessivo, são facilmente discriminados das restritas condições de uma clínica. Entretanto, fora da clínica, as condições que mantêm o beber continuam vigorando e o comportamento inadequado retorna.

Observando os dados pessoais de 210 pacientes reincidentes internados para o tratamento do abuso do álcool, Holland (1978) descobriu que

[...]somente quatro viviam com a esposa, 24 com os pais e três com amigos. A grande maioria, no entanto, vivia sozinha e mais da metade não tinha uma residência fixa. Eles eram pobres, estavam desempregados e uma avaliação médica apontou uma variedade de problemas orgânicos. (p.63)

Para o autor a ausência de reforçadores alternativos a extrema miséria e a solidão dos alcoólatras internados poderiam estar reforçando o comportamento de beber destes indivíduos.

Pelo alto número de internações e recaídas desses pacientes, Holland (1978) também sugere que a assistência médica oferecida nas internações poderia estar funcionando como estímulo discriminativo para o consumo de álcool, pois para um

sujeito pobre, sem lar e solitário, o hospital oferece alguns reforçadores importantes como cuidados médicos, comida, aconselhamento ou mesmo a fuga de eventos aversivos.

Sidman (1989) no livro: “Coerção e suas implicações”, também defende que o uso de drogas pode se dar enquanto uma forma de fugir de uma situação aversiva. Assim, Sidman (1989) é categórico ao afirmar que muitos jovens advindos de famílias economicamente bem-sucedidas, são privados do afeto e atenção dos pais e o único apoio que recebem é o monetário. Estes jovens, por sua vez, buscarão preencher o vazio social e emocional fora dos laços familiares, gastando seus recursos facilmente obtidos em busca de quaisquer reforçadores positivos e movendo-se em direção às drogas.

Sobre este fato, Bernardes (2008) também dá seu parecer afirmando que do ponto de vista comportamental, contingências aversivas alteram o valor reforçador do álcool. E cita pesquisas em que diferentes formas de estimulação aversiva estão associadas ao consumo de drogas, como ameaça, choques intermitentes, isolamento social, separação materna, restrição de comida, etc.

Sidman (1989) discute, ainda, que a dependência em drogas também produz muitas conseqüências aversivas, como a perda dos familiares, do emprego, e o aparecimento de doenças; contudo, observamos que estas não são eficazes para reduzir o consumo de drogas porque são conseqüências tardias, enquanto o prazer que a mesma substância proporciona tem efeito imediato. O que a literatura da Análise do Comportamento já indica é que seres humanos não são controlados por conseqüências a longo prazo.

A respeito disto, Bernardes (2008) revela que, além dessas conseqüências aversivas serem temporalmente mais distantes do comportamento de usar a droga, os comportamentos de obter esta última ocorrem em alta freqüência na vida do sujeito dependente, impedindo assim, que ele volte sua atenção a família, trabalho e amigos.

No artigo “Dependência de Drogas”, as autoras Garcia–Mijares e Silva (2006), discorrem a respeito da dependência química sob o foco da teoria comportamental como escolha de Heyman. O modelo teórico da dependência química como escolha exprime a idéia de que quando um organismo se comporta, ele sempre realiza algo em detrimento de outra atividade. Ou seja, a dependência é explicada em termos da relação de concorrência entre consumir drogas e exercer outras atividades incompatíveis com a primeira.

Para Heyman (1996, citado por GARCIA-MIJARES e SILVA, 2006) a dependência química pode ser analisada como um processo em que o consumo repetido de uma substância leva a diminuição do valor reforçador de outras atividades como escola, família e trabalho, em comparação as atividades que estão relacionadas ao consumir tal substância.

O autor também diferencia usuários dependentes dos usuários não dependentes, pois estes últimos são controlados pelo valor reforçador da droga e também de outras atividades concorrentes, tanto locais quanto futuras. Os primeiros são controlados majoritariamente pelo valor reforçador local e imediato que o uso da droga proporciona. (HEYMAN, 1996, apud GARCIA-MIJARES e SILVA, 2006).

Após a análise feita, consideramos importante realizar uma pesquisa de campo que me permita comprovar na prática se estas variáveis são realmente responsáveis por desenvolver e manter a resposta de buscar e consumir substâncias químicas por parte de um adicto, bem como encontrar outras variáveis que não estão disponíveis na literatura.

Objetivo do estudo

Considerando a complexidade das variáveis envolvidas na toxicodependência, foi delimitado para o presente estudo o seguinte objetivo específico:

Identificar, através do relato de quatro dependentes em substâncias tóxicas, algumas variáveis envolvidas no desenvolvimento e na manutenção das respostas de procura e consumo de drogas, utilizando-se de uma análise funcional.

Sendo o fenômeno da auto-administração de drogas um comportamento como qualquer outro é possível realizar uma análise funcional. A análise funcional da dependência química busca explicações a partir de uma etiologia que se pretende conhecer e controlar, ao observar padrões de respostas para situações específicas, para no futuro, interferir nessas contingências. (Silva, Guerra, Gonçalves & Garcia-Mijares, 2001).

MÉTODO

Participantes

O primeiro requisito necessário à organização da investigação proposta foi obter sujeitos que usassem qualquer tipo de droga e fossem identificados como dependentes químicos. Para conseguir os sujeitos dessa pesquisa foram mantidos contatos com grupos anônimos de usuários de drogas, ONGs, clínicas públicas e privadas voltadas ao tratamento de dependentes químicos. Procurou essa heterogeneidade entre os participantes, visando ressaltar o espectro de variações possíveis com relação ao problema de estudo.

Os participantes selecionados apresentam um histórico de consumo abusivo e repetitivo de substâncias químicas, de maneira que esse padrão de uso é diagnosticado como dependência química, segundo a classificação do DSM-IV. As principais drogas utilizadas foram álcool, maconha, cocaína e crack. A via de administração era, preferencialmente, a oral e a inalada.

A amostra constituiu-se de quatro participantes, sendo 3 do sexo masculino e 1 do sexo feminino. Encontravam-se na faixa etária entre 21 e 50 anos. Todos os sujeitos eram solteiros.

Quanto ao grau de instrução, 2 possuíam o Ensino Superior incompleto e 2 possuíam o Ensino Fundamental incompleto. Os sujeitos variaram entre pertencentes da classe baixa a classe média alta, segundo declaração deles.

A relação do sujeito 1 com as drogas teve início por volta dos 22 anos de idade, em que começou a consumir cocaína com amigos. Relacionou o início do uso de drogas com a descoberta da infidelidade conjugal de sua companheira. O sujeito chegou a morar na rua, onde passou a fumar crack com as pessoas com que convivia. Considera-se dependente de cocaína e crack.

O sujeito 2 experimentou maconha pela primeira vez aos 15 anos de idade em uma festa do colégio. No primeiro ano da graduação passou a inalar cocaína com um companheiro de classe, droga da qual se tornou dependente e que ocasionou sua internação em menos de 2 anos.

O sujeito 3 é dependente de álcool, substância que ingeriu pela primeira vez aos 8 anos de idade com as demais crianças e adultos que trabalhavam com ele em uma construção.

Finalmente, o sujeito 4 consumiu álcool aos 12 anos de idade com seus primos. Outras drogas que também já fez uso foram a maconha, haxixe, chá de cogumelo, LSD, anfetaminas, lança-perfume e cocaína. O sujeito é dependente de cocaína, droga que começou a utilizar aos 18 com colegas da faculdade.

O quadro 1, a seguir apresentado, relata as características dos sujeitos que indicamos anteriormente.

Quadro 1: Caracterização dos sujeitos

Sujeito	Sexo	Idade	Escolaridade	Classe Social	Droga de Abuso	Idade de Início	Outras Drogas
1	Masculino	29 anos	6ª série Ensino Fundamental	Classe Baixa	Cocaína/ Crack	22 anos	Álcool
2	Feminino	21 anos	Ensino Superior Incompleto	Classe Média Alta	Cocaína	19 anos	Maconha, Haxixe.
3	Masculino	50 anos	2ª série Ensino Fundamental	Classe Média Baixa	Álcool	8 anos	Tabaco
4	Masculino	30 anos	Ensino Superior Incompleto	Classe Média Alta	Cocaína	18 anos	Maconha, Haxixe, LSD, etc.

Instrumento

Para atingir os objetivos propostos, utilizamos um questionário e uma entrevista aberta.

O questionário (Anexo 2), semi-estruturado e respondido diretamente pelos participantes, foi elaborado visando obter informações gerais a respeito da idade, sexo, nível socioeconômico, grau de instrução, tipo de droga da qual era dependente, idade de início de uso de drogas e outras drogas que já fez uso.

A entrevista possibilitou obter informações sobre as experiências dos sujeitos no campo relativo às drogas e pesquisar outras esferas da vida do sujeito, como sua relação com a família, amigos, estudo ou trabalho, para investigar como desenvolveu e manteve as respostas de dependência química.

A metodologia de coleta de dados escolhida foi aquela que aborda os indivíduos diretamente; tal método é conhecido como “método do auto-relato”. Segundo Barker et al (1994), esse método nos oferece a possibilidade de acessar a percepção que os entrevistados têm deles mesmos e do mundo que os rodeiam. Além disso, pode ser usado para obter informação em situações onde os dados observacionais não estão disponíveis, como por exemplo, para estudar histórias de vidas.

Este tipo de coleta de dados também apresenta a vantagem de poder usar o *rapport* e a flexibilidade da relação que se estabelece entre aquele que entrevista e aquele que é entrevistado. Dessa maneira, o entrevistador pode obter esclarecimentos sobre as respostas do entrevistado, buscar conteúdos não mencionados espontaneamente e ir além de respostas superficiais.

Contudo, Barker et al (1994), nos alertam para o fato de que nem sempre as pessoas são verdadeiras em seus relatos, bem como elas podem não ser capazes de fornecer informações suficientes. Por conta destes fatores, durante a entrevista a pesquisadora procurou demonstrar-se como audiência não punitiva, ou seja, ouvir o relato dos participantes e não julgar, criticar ou punir.

Pois segundo Skinner (1953), dentre as consequências da punição sobre o comportamento verbal é possível destacar a sua supressão como efeito mais pronunciado; e sua manipulação como subproduto, esta última é também conhecida como contracontrole.

Ao entrevistar sobre o uso de drogas, o pesquisador deve se apresentar como uma audiência não punitiva, pois muitas vezes estará lidando com indivíduos com uma história de vida marcada por punição, coerção e desamparo. A confiança precisa ser estabelecida entre entrevistador e entrevistado para que este último lhe forneça as informações de interesse (OLIVEIRA, 1997).

Procedimento de coleta de dados

O primeiro contato entre pesquisadora e participantes foi realizado nas próprias instituições especializadas no tratamento e recuperação de dependentes químicos. Todos os sujeitos foram abordados pessoalmente pela própria pesquisadora e nesta situação, era oferecida uma breve explanação a respeito dos objetivos deste estudo e do sigilo garantido. Havendo interesse e disponibilidade para participar, um segundo encontro era agendado em função de data e horários compatíveis entre participantes e pesquisadora.

O segundo encontro, também realizado nas instituições, era dividido em dois momentos. Em um primeiro momento, eram coletados os dados de caracterização dos participantes, através do questionário com questões fechadas. Logo em seguida, eram construídos os registros acerca do cotidiano e história de vida dos participantes a partir da entrevista. Neste momento procurou-se estabelecer sob quais condições os indivíduos fazem ou fizeram uso de substâncias químicas, incluindo análise das relações com o ambiente familiar, social e de trabalho, antes e logo depois do consumo.

Todas as entrevistas do segundo encontro foram gravadas, mediante a autorização dos participantes.

A aplicação do questionário e a entrevista duraram, em média, uma hora.

Procedimento de análise dos dados

Inicialmente, todas as entrevistas foram transcritas na íntegra (Anexo 3). Posteriormente, esse material foi analisado e discutido a partir do conhecimento obtido na revisão da literatura.

Cuidados éticos

Respeitando o Código de Ética, resolução 196/96, que orienta sobre pesquisas realizadas com seres humanos, o projeto desta pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética da PUC-SP e aprovado sob o número 002/2001. Todos os entrevistados foram explicados sobre os objetivos da pesquisa, além de terem seu anonimato garantido e a liberdade para desistir de participar da pesquisa em qualquer momento. Os dados de

contato da pesquisadora e de sua orientadora, também, foram disponibilizados aos participantes. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido encontra-se no Anexo 1

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta pesquisa não tem a pretensão de oferecer um diagnóstico final acerca do porquê os sujeitos entrevistados se tornaram dependentes químicos, tampouco vislumbra estabelecer generalizações para os demais usuários de drogas, sejam estes dependentes ou não. O intuito é oferecer uma discussão sobre os possíveis fatores envolvidos no desencadeamento e na manutenção dos comportamentos de uso e procura de substâncias químicas referidas pelos quatro sujeitos. Para aproximar-se a este objetivo, optou-se por descrever cada sujeito, procurando identificar esses fatores de instalação e manutenção de comportamento drogadicto.

Sujeito 1

De acordo com sujeito 1, apesar de ter crescido em um ambiente onde existia uma grande acessibilidade e até mesmo valorização do consumo de drogas por parte dos jovens, este só sentiu vontade de consumir drogas aos 22 anos, após descobrir que sua companheira estava grávida de outro homem. Neste período, o sujeito regressa para a casa da mãe, porém acaba por retornar a morar com a companheira devido aos pedidos dos sogros. Após retornar ao lar, o sujeito 1 começa a inalar cocaína com colegas do bar que passa a frequentar.

Analisando o início do consumo de drogas por parte do sujeito 1, se percebe que a droga e os colegas que o acompanhavam durante o consumo da mesma exerciam a função de estímulo reforçador negativo, na medida em que possibilitavam que o sujeito 1 evitasse enfrentar o ambiente aversivo de sua casa. Concomitantemente, as sensações físicas agradáveis proporcionadas pela droga reforçavam ainda mais o estar em presença dos colegas que consumiam cocaína. Estes episódios parecem confirmar as propriedades reforçadoras das drogas descritas na literatura por Silva et al., 2001.

As contingências de reforçamento positivo e negativo da resposta de uso da droga exerceram tal controle sob o sujeito 1, que o mesmo aumentou seu responder

no sentindo de obter drogas e passou a responder cada vez menos na presença de outros estímulos discriminativos que poderiam ser incompatíveis com o uso delas, como por exemplo, frequentar o trabalho.

Com os constantes atrasos e faltas, o sujeito 1 é dispensado do trabalho. A perda desse ambiente social aumentou ainda mais a frequência de respostas que geram o consumo da droga e o afastamento do ambiente familiar.

Tempos depois, o sujeito é submetido voluntariamente a tratamento em uma clínica privada. O método de tratamento vigente nessa instituição consistia em debates em grupos, palestras e terapias que tinham como principal temática as drogas e seus efeitos. De acordo com o relato do sujeito 1 esta situação lhe gerava vontade de utilizar drogas.

“Eu sentia vontade de usar, porque só falava de drogas o tempo todo. Você tenta não pensar no assunto, mas aí você passa o dia todo tendo palestras sobre drogas, depoimentos sobre drogas. Fica difícil não pensar, não sentir vontade”

Estes dados sugerem que o ouvir e falar sobre drogas atuava como um estímulo antecedente condicional para este sujeito, pois eliciava a vontade física de consumir drogas, sugerindo que as variáveis apresentadas por O'Brien (1976, *apud* BENVENUTI, 2007) acerca da crise de abstinência condicionada possam estar envolvidas no controle de consumo de drogas do mesmo.

Aliado a este fato, após o término do tratamento, o sujeito retornou a frequentar os mesmos ambientes e a encontrar os mesmos amigos com os quais se drogava anteriormente. Reincidiu, voltando a usar cocaína. Este resultado confirma as ideias de Benvenuti (2007), que discute a volta ao ambiente pré-tratamento como um fator de alto-risco para recaída.

Desempregado e sem condições de sustentar seu vício por conta própria, o sujeito passou a roubar sua mãe. Esta situação faz com que a última mudasse de endereço sem avisar ao filho e, conseqüentemente, o sujeito torna-se um sem teto.

Em situação de rua, o sujeito inicia o consumo de crack. De acordo com o seu relato o que o levou a consumir essa droga era o sentimento de raiva sentido por sua ex-companheira. Este mesmo motivo foi levantado pelo sujeito para explicar sua primeira experiência com a cocaína. Neste ponto, pode-se fazer um paralelo com o que Skinner (1974) argumentou sobre os indivíduos assumirem os sentimentos como causas de suas ações, devido à proximidade temporal que acompanha ambos os eventos. Destaca-se, assim, que as emoções que acompanham o uso de drogas

também atuam como estímulos condicionantes (JAFPE, PERTERSON & HODGSON, 1980).

Após algum tempo frequentando um albergue no qual se alimentava e dormia, o sujeito é convidado por um assistente social a morar em uma ONG especializada no tratamento de dependentes químicos.

Hoje, o sujeito está há 3 meses sem utilizar drogas e atuando como auxiliar de cozinha e de jardinagem na ONG em que está internado. Aqui, admitimos a hipótese de que as novas atividades desenvolvidas bem como a vivência em um ambiente novo estejam contribuindo, pelo menos temporariamente, para a superação das respostas de procura das drogas.

Sujeito 2

O sujeito 2 inicia seu relato afirmando que nunca despertou a atenção das pessoas de seu ambiente escolar por sua aparência física. Ao ingressar no Ensino Médio, o sujeito é transferido para outra instituição de ensino. Nesse ambiente, se envolve com uma turma de alunos mais velhos que tinham o costume de consumir drogas. No contexto em questão, o sujeito alegou que o principal motivo que o levou a fumar maconha pela primeira vez foi a atenção que lhe era dirigida pelos colegas da nova escola ao emitir este comportamento. Esses dados indicam a relevância das contingências de reforçamento social no desenvolvimento da resposta de consumir maconha.

Quanto ao relacionamento com os pais, o sujeito revelou que ambos sempre foram “ausentes”, uma vez que dedicavam o dia inteiro para o trabalho, enquanto o sujeito era mantido em uma escola de período integral. Aqui, observa-se que sujeitos privados de atenção e afeto dos pais podem ter aumentado a probabilidade de se engajarem na busca de outros estímulos reforçadores positivos de alto valor, tais como as substâncias químicas (SIDMAN, 1989).

“Na primeira vez que fumei achei horrível, senti medo, queria sair correndo. Mas na segunda-feira isso foi compensado. Todo mundo falava de mim. Nossa eu era totalmente ignorada na outra escola, e me tornei popular”

Nota-se também como os valores culturais de aceitação e valorização pelo grupo de amigos pode delimitar o uso de drogas, tal como especifica Oliveira, 2007.

Anos depois, ao adentrar na universidade esse padrão de comportamento é novamente repetido na presença de estímulos físicos semelhantes. Neste caso, o sujeito passou a fazer o uso de cocaína com um colega de classe (parceiro) que tinha o costume de fazê-lo. Dessa forma, se observa a existência de uma história de reforçamento diferencial, em que na presença de novos colegas, o sujeito emite a resposta de consumir drogas visando obter atenção (reforço) social.

O relato do sujeito 2 é em grande parte marcado pela estreita relação que se estabeleceu entre ele, este parceiro e o uso da cocaína. Apontando que a presença do parceiro se tornou estímulo discriminativo para a inalação de tal substância.

“Durante os 13 meses seguintes, nos passamos a cheirar quase toda a semana. Nas férias, cheirávamos todas as semanas e nas semanas de pico quase todos os dias, algumas vezes a noite inteira. Nosso relacionamento era a 3: eu, ele e a coca”.

Ao ser questionado sobre seu envolvimento em outras atividades, como estudos ou trabalho, e sobre relacionamentos interpessoais o sujeito revela que na fase de consumo excessivo da droga seu rendimento na faculdade declinou, além de que seu envolvimento com outras pessoas, exceto seu parceiro, era praticamente nulo.

Ao que indica esses fatos parecem corroborar a hipótese levantada por Heyman (1996, apud GARCIA-MIJARES e SILVA, 2006) de que o consumo repetido de uma droga seja capaz de diminuir o valor reforçador de outras atividades, em comparação as atividades que estão relacionadas ao consumir a droga.

Após a descoberta da dependência em cocaína por parte de seus pais, o sujeito se afastou de seu companheiro por imposição deles, além de ser internado em uma clínica privada de reabilitação. Após o término do período de internação, o sujeito afirmou que viajará para o exterior com sua mãe, pois seus pais temem a reaproximação do antigo companheiro.

Sujeito 3

O sujeito 3 ingeriu bebidas alcoólicas pela primeira vez aos 8 anos. Sua mãe havia falecido e seu pai fora transferido para trabalhar em uma pedreira em Minas Gerais, deixando-o com um o colega. De acordo com seu relato, passou a residir e

trabalhar em uma construção em São Paulo. Nesse ambiente, o sujeito juntamente com as demais crianças e jovens que atuavam nesse espaço eram habituadas a ingerir bebidas alcoólicas após o expediente.

Para ele: *“A gente num tinha diversão nenhuma na vida. A gente trabalhava o dia inteiro, nem tinha condições de estudar. Então a gente bebia para se divertir”.*

O relato acima parece emblemático para as questões levantadas por autores como Silva, Guerra, Gonçalves & Garcia-Mijares (2001) ou Bernardes (2008), que concordam que a existência de poucos reforçadores positivos no ambiente de um indivíduo, seja fator relevante para o consumo abusivo de drogas, uma vez que estas sendo reforçadores de valor alto, são capazes de adquirir controle sobre a maior parte das respostas emitidas por um organismo.

Por outro lado, a perda prematura dos pais pode ser entendida como uma situação aversiva e de desamparo. Sugere-se que o a resposta de ingerir bebida alcoólica também foi aprendida e mantida na medida em que diminuíram a intensidade dessa estimulação considerada negativa, comprovando a teoria de Bernardes (2008) que afirma que contingências aversivas alteram o valor reforçador do álcool.

Após esta fase inicial em que o beber ocorria em presença de colegas de trabalho, o sujeito passou a consumir bebidas sozinho. Neste período o sujeito afirmou que passou a sentir efeitos de síndrome de abstinência física, pois sentia tremores e agitação psicomotora se não ingeria um gole matinal.

Aos 18 anos o sujeito arranhou um emprego em uma metalúrgica e conheceu uma parceira. Essa fase foi destacada na fala do sujeito como de diminuição no consumo de bebida, sugerindo que a disponibilidade de outros reforçadores positivos diminuíram a frequência de respostas de beber.

Com o início das discussões com a companheira, o sujeito volta a frequentar bares com os colegas. Mais uma vez aqui, observa-se o consumo de substâncias químicas envolvidos em contingências que envolvem o evitar ou o abandonar situações desagradáveis.

Após a separação, o sujeito afirmou que retornou ao consumo diário de bebidas alcoólicas. Nessa etapa, houve retorno dos tremores após algumas horas sem consumir álcool. Para o sujeito, essa sensação física levava-o a beber.

“Como voltei a beber todo dia, logo voltei a sentir tremedeira se não bebia logo depois de acordar. Eu odiava sentir isso, então eu bebia logo para passar essa sensação”.

Após anos de beber excessivo, o sujeito parou de beber aos 39 anos de idade após ser diagnosticado com Cirrose Hepática e passou a frequentar um grupo dos Alcoólicos Anônimos. Hoje, o sujeito está aposentado e dedica seu tempo a pedalar diariamente em um parque, frequentar uma igreja e os eventos sociais promovidos por ela, além de ser padrinho (espécie de responsável por auxiliar um novo membro a abandonar o consumo de bebidas) de um jovem alcoólatra no A. A. de sua cidade.

Perguntado sobre como se mantém sóbrio por há 11 anos, o sujeito afirmou que temeu morrer e hoje ele se ocupa com o que realmente gosta.

A partir desses dados finais verifica-se que o comportamento do sujeito passou a estar sob controle do diagnóstico médico, levando-o a buscar alternativas para o consumo de bebidas alcoólicas.

Sujeito 4

O sujeito 4 bebeu álcool pela primeira vez em companhia dos primos, segundo seu relato, nesta ocasião ele foi elogiado por ter conseguido beber toda a bebida disposta no copo. O sujeito também revelou que o embriagar-se era uma prática comum dos membros de sua família.

Nesse ponto, se percebe como meio e o reforço social são as variáveis mais reforçadoras no estágio de abuso inicial de substâncias tóxicas (OLIVEIRA, 1997).

No Ensino Médio o sujeito experimentou diversas drogas como a maconha, chá de cogumelos, anfetaminas, LSD e lança-perfume, sempre na companhia de colegas de classe.

Esses dados remetem a história do sujeito 2 ao delimitar a influência do grupo social no comportamento dos jovens que utilizam drogas (JAFPE, PETERSON & HODGSON,1980).

Na universidade o sujeito iniciou o consumo de cocaína, droga da qual se tornou dependente. Após sua mãe descobrir cápsulas contendo essa substância em seu quarto, sujeito é internado por pressão de seus familiares. O sujeito passou por um programa de tratamento cuja duração foi de 3 meses. Nesse período, ele não fez uso de drogas e se acreditava curado do vício. Ao sair da internação o sujeito voltou a frequentar a mesma faculdade, onde se dera o primeiro uso da cocaína. Nesse ambiente e na presença dos antigos colegas, o sujeito retornar a utilizar cocaína.

Novamente, tal como discutido no caso 1, a fala do sujeito indica a capacidade dos aspectos do ambiente, que uma vez acompanharam o uso de drogas, de controlarem essa mesma resposta (O'Brien, 1976, *apud* Benvenuti, 2007). Após a recaída, o sujeito se envolveu tanto com as drogas, a ponto de vender suas motos e roubar o cofre de sua família. Nos dias atuais, o sujeito está vivenciando sua segunda experiência de internação.

A partir destas análises mais específicas e individuais um panorama geral pôde ser traçado e será apresentado a seguir.

Os dados apresentados acima indicam que todos os sujeitos da amostra eram provenientes de ambientes sociais nos quais havia disponibilidade de drogas, e conseqüentemente, o consumo das mesmas era realizado e aceito por seus grupos de colegas. Ao mesmo tempo, verifica-se que outros ambientes sociais frequentados pelos sujeitos, como, por exemplo, o núcleo familiar, não eram fonte de reforçadores positivos capazes de concorrer com o uso das drogas. Neste contexto, nota-se que a acessibilidade e as atitudes sociais positivas com relação às drogas são possíveis variáveis que favorecem o consumo de drogas, como indicado por Jaffe, Peterson & Hodgson (1980).

Outro importante aspecto evidenciado no relato dos sujeitos 1, 2 e 4 é que quando o uso de drogas é considerado recreativo, o indivíduo é capaz de conciliar a droga com as atividades profissionais e com a vida social. Todavia, com o advento do uso contínuo e abusivo, os entrevistados tiveram seus empregos e estudos comprometidos, uma vez que passaram a responder apenas no sentido de obter mais drogas.

Esses dados corroboram os resultados das pesquisas de laboratório que procuram estipular o alto valor reforçador das substâncias químicas, citadas por Oliveira (1997). Como também permitem estabelecer relação com o modelo teórico da dependência química como escolha sugerido por Heyman, que admite que as drogas são estímulos de maior poder reforçador do que os demais estímulos existentes no ambiente do indivíduo considerado dependente.

A partir dos relatos foi possível verificar que as substâncias químicas são capazes de exercer a função de estímulo reforçador negativo, na medida em que permitem a fuga/esquiva de situações caracterizadas pela perda de reforçadores positivos ou de aproximação de estímulos aversivos (SILVA et al., 2001). Sendo

assim, é possível que esta função exercida pela droga afete a manutenção do comportamento adicto, visto que perante toda situação aversiva o indivíduo responde com o consumo da mesma.

Outro fator decisivo para o desenvolvimento e preservação do uso de drogas foi o isolamento social e ausência de demais reforçadores positivos no ambiente do indivíduo, conforme apontado da literatura por autores como Beranrdes (2008) e Holland (1978). Tal variável foi percebida principalmente no relato dos sujeitos advindos das classes sociais mais inferiores.

Finalmente, no relato dos sujeitos que já passaram por uma experiência de tratamento observa-se que a volta ao antigo ambiente de consumo de drogas pode determinar a recaída, indicando que aspectos do ambiente podem atuar como sinalizadores ou estímulos condicionais capazes de eliciar os sintomas da síndrome de abstinência (BENVENUTI, 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo obter uma compreensão acerca das variáveis ambientais que possivelmente controlam as respostas que visam à obtenção e ao uso abusivo de substâncias químicas, podendo essas últimas serem tanto o álcool quanto quaisquer outras drogas.

O material teórico sugeriu que abordagem comportamental tem sido utilizada como uma alternativa ao tradicional modelo médico que define a dependência química como uma doença, composta por um quadro de sinais, sintomas e de uma etiologia precisa. Em vez disso, é dada ênfase ao comportamento que se pode observar, identificando o modo como foi aprendido e modificado pelas condições antecedentes e conseqüentes.

A literatura indicou que os principais fatores que envolvem o comportamento de busca de drogas são: as funções de estímulo exercidas pela droga ou pelo o quê a mesma foi pareada; a crise de abstinência condicionada aliada ao retorno ao ambiente pré-tratamento; os valores culturais de acessibilidade e valorização das drogas; e a ausência de reforçadores capazes de concorrer com as drogas.

Os resultados das entrevistas parecem confirmar o envolvimento das variáveis citadas acima com o surgimento e a continuidade da emissão de respostas de consumo de drogas referidas pelos quatro participantes. Em todos os casos analisados observou-se a existência de uma combinação dos potenciais fatores predisponentes, não ocorrendo, portanto, apenas um fator causal para a dependência química.

Adicionalmente, a pesquisa fortaleceu a convicção de que cada organismo é um ser singular, dotado de uma história de vida única. Assim sendo, antes de realizar generalizações, se faz necessário tomar conhecimento prévio da história de reforçamento e das condições do ambiente de cada um, atentando sempre para prováveis experiências de punição, coerção e desamparo vivenciadas pelo sujeito.

Constatou-se a relevância do acompanhamento terapêutico, levando em conta que o psicólogo comportamental é um dos profissionais mais adequados para auxiliar o dependente a identificar as variáveis do ambiente e do contexto social relacionadas com o seu comportamento de utilizar drogas, analisá-las e discutir respostas alternativas nessas ocasiões.

Por fim, o problema da dependência química é complexo, por isso é preciso o desenvolvimento de novas pesquisas que nos auxiliem a concluir sobre suas variáveis causais. Ao fornecer subsídios conceituais, espera-se que esta pesquisa tenha contribuído para a compreensão do problema em questão e seja um incentivo para futuros estudos na área.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APA. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*. 4. ed. Washington, D.C.: American Psychiatric Association, 1994.

BARKER, C. *et al. Research Methods in Clinical and Counselling Psychology*. Chichester: Wiley, 1994.

BENVENUTI, M. Uso de Drogas, Recaída e o Papel do Condicionamento Respondente: possibilidades do trabalho do psicólogo em ambiente natural. In: ZAMIGNANI, D. R. e cols. (orgs.) *A Clínica de Portas Abertas: Experiências e Fundamentação do Acompanhamento Terapêutico e da Prática Clínica em Ambiente Extra-consultório*. Santo André: Esetec, 2007, p. 307-325.

BERNARDES, A. M. T. *Efeito de enriquecimento ambiental na auto-administração oral de álcool em ratos*. São Paulo, 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia Experimental) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

CARLINI, E. A.; GALDURÓZ, J. C. F. II Levantamento Domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do País: 2005. São Paulo: CEBRID - Centro Brasileiro de Informação sobre Drogas Psicotrópicas: UNIFESP -Universidade Federal de São Paulo, 2006.

DE ROSE, J. C. O relato verbal segundo a perspectiva da análise do comportamento: contribuições conceituais e experimentais. In: BANACO, R. (org.) *Sobre comportamento e cognição*. Santo André: ARBytes, 1997, p.148-163.

GARCIA-MIJARES, M.; SILVA, M. T. A. Dependência de Drogas. *Psicologia USP*. São Paulo, v. 17, n. 4, p. 213-240, 2006.

HOLLAND, J.G. Behaviorism: Part of the Problem or Part of the Solution?. *Journal of Applied Behavior Analysis*, v. 9, 59-75, 1978.

JAFFE, J.; PETERSON, R.; HODGSON, R. *Addictions: Issues and Answers*. New York: Harper & Row, 1980.

MATOS, M. A. As Categorias Formais de Comportamento Verbal de Skinner. *ANAIS DA XXI REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE DE PSICOLOGIA*, São Paulo, p. 333-341, 1991.

MATOS, M. A. Análise Funcional do Comportamento. *Estudos de Psicologia PUCCAMP*. São Paulo, v.16, n.3, 2001.

OLIVEIRA, L. C. *Por que voltei às drogas?*. São Paulo: EDUSC, 1997.

OLIVEIRA, M. B. *Leitura analítico-comportamental da proposta de intervenção terapêutica em entrevista motivacional para dependência química*. Belo Horizonte, 2007. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Instituto de Educação Continuada em Terapia Comportamental, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

RIBEIRO, A. Correspondence in children's self-report: tacting and manding aspects. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, n. 51, 361-367, 1989.

SCHUSTER, C. O comportamento da busca de droga: implicações para a teoria da dependência de droga. In: EDWARDS, G.; LADER, M. (orgs) *A natureza da dependência de drogas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994, p. 206-231.

SIDMAN, M. *Coerção e suas Implicações*. Campinas: Editorial Psy, 1989.

SILVA, M. T. A. *et al.* . Análise funcional das dependências de drogas. In: GUILHARDI, H. J. (org.) *Sobre Comportamento e Cognição: expondo a variabilidade*. v.7. Santo André: ESETec Editores Associados, 2001, p. 422-442.

SILVERMAN, K. Introduction to the Special Issue on the Behavior Analysis and Treatment of Drug Addiction. *Journal of Applied Behavior Analysis*, n. 41, 471-480, 2008.

SKINNER, B. F. *Ciência e comportamento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 1953.

SKINNER, B. F. *Contingencies of reinforcement: a theoretical analysis*. New York: Appleton-Century-Crofts, 1969.

SKINNER, B. F. *Sobre o Behaviorismo*. São Paulo: Editora Cultrix, 1974.

SKINNER, B. F. *O Comportamento Verbal*. São Paulo: Editora Cultrix, 1978.

SKINNER, B. F. Selection by consequences. *The Behavioral and Brain Sciences*. n.7, p.477-510, 1984.

UNITED NATIONS OFFICE DRUGS AND CRIME (UNODC). Relatório Mundial sobre Drogas 2010. Disponível em: <http://www.unodc.org/southerncone/pt/drogas/relatorio-mundial-sobre-drogas.html>. Acesso em: 02.mai.2011.

ANEXOS

Anexo 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu _____,
RG _____, aceito participar da pesquisa “Possíveis variáveis envolvidas no desenvolvimento e manutenção de respostas que caracterizam a dependência química a partir do relato verbal”, realizada por Patrícia dos Santos Ricarte, aluna do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica; sob orientação da Profª Drª Mônica Helena Tieppo Alves Gianfaldoni. Estou ciente que posso contatar a pesquisadora executante ou sua orientadora a qualquer momento através dos emails patyricarte@hotmail.com e mhtag@uol.com.br, respectivamente.

O objetivo deste trabalho é estudar os principais fatores ambientais que podem estar envolvidos no uso abusivo de substâncias químicas.

Fui informado (a) que serei submetido (a) ao: QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO, na qual fornecerei dados como: sexo, idade, escolaridade, nível sócio econômico, estado civil, etc; ENTREVISTA, em que abordarei sobre as experiências pessoais que tive com drogas/álcool.

Minha participação é voluntária e pode ser interrompida a qualquer momento. Não haverá nenhum grau de risco nesta pesquisa. As informações oferecidas por mim serão mantidas em lugar seguro e só terão acesso a elas a autora que conduz o estudo e sua orientadora. Caso o material venha a ser utilizado para publicação científica ou atividades didáticas, minha identidade será preservada.

São Paulo, _____ de _____ de 20____.

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Orientador Responsável

***O termo está sendo assinado em duas vias, uma para o participante e outra para o pesquisador**

Anexo 2 – Questionário de Identificação

Questionário de Identificação

Sujeito nº. _____

Idade: _____

Sexo: _____

Estado Civil: _____

Escolaridade: _____

Nível Sócio-Econômico: _____

Droga da qual é dependente e que mais usou: _____

Outras drogas que já usou: _____

Idade da primeira vez que usou qualquer tipo de droga: _____

Anexo 3 – Transcrição das Entrevistas

Entrevista com sujeito 1

P: Bom, vamos começar a entrevista? Eu vou lhe fazer algumas perguntas que me ajudem a conhecer melhor suas experiências.

S1: Ok.

P: Com qual idade e em qual situação você utilizou drogas pela 1ª vez?

S1: Olha, eu nasci e cresci em uma comunidade carente, favela mesmo. Então, eu sempre tive contato com pessoas que usavam drogas. Eu lembro que quando a gente era moleque e saía para o campinho para jogar bola, lá ficava um monte de caras fumando um. Mas nessa época, eu não tinha nenhum interesse por esse negócio de drogas. Eu via, me ofereciam e tudo, mas eu não tinha interesse. Com uns 15, 16 anos era a mesma coisa, meus amigos todos fumavam, mas eu não gostava daquilo, porque eu tava bem comigo mesmo. Eu gostava de ficar em casa, me dava bem com o povo de casa.

P: Com quem você morava nessa época?

S1: Morava eu, minha mãe, minha irmã e meu irmão. Meu pai foi embora de casa quando eu era muito pequeno, nem me lembro dele.

P: Certo. E o que fazia no seu dia-a-dia nessa época?

S1: Eu trabalhava e gostava de ir a shows de rap. Mas diferente de muitos, eu não ia pelas drogas, eu ia pela música.

P: Você começou a trabalhar com quantos anos de idade?

S1: Comecei com 12 anos. Tive que parar de estudar para ajudar nas despesas de casa. Minha mãe, sem marido, não conseguia pagar as contas e dar de comer para 3 filhos com um salário de doméstica. Então, eu fui trabalhar numa autopeças. Fiquei lá até os 20 anos, porque depois eu arranjei um trampo melhor num supermercado grande, de nome. E foi lá que eu encontrei a L.

P: L?

S1: É, a mãe da minha filha. Rapidinho eu a pedi em namoro. Numa das primeiras vezes que saímos juntos com alguns amigos em comum, eu a vi cheirando pó. Mas ela era tão linda que não me importei, eu achava que podia modifica – lá. Assim, começamos a sair direto e quando vi já estávamos namorando.

P: Você consumia drogas com ela?

S1: Não, eu não gostava e pedia para ela parar.

P: E ela parou?

S1: Sim, quando começamos o namoro firme, ela não usava mais nada. Depois de um ano de namoro passamos a morar juntos e alguns anos depois nasceu minha filha. Parecia que tudo era perfeito. Eu até arranjei um segundo emprego para poder oferecer o melhor para as duas. Mas não sei se porque passava pouco tempo em casa por conta do trabalho, minha mulher resolveu me trair. Ela ficou grávida do outro, quando descobri meu mundo caiu. Foi aí que tudo começou.

P: Tudo começou? Você quis dizer que você iniciou o consumo de drogas?

S1: Sim. Mas primeiro eu sai de casa e voltei para a casa da minha mãe. A L. pedia perdão e dizia que estava arrependida. Até meus sogros foram na casa da minha mãe e pediram para eu voltar pela minha filha. Eu voltei, mas continuei sentindo muito ódio. Eu simplesmente não aguentava olhar para ela, eu sentia nojo. Então, eu passei a ficar cada vez menos em casa.

Eu comecei a sair com uns colegas da vizinhança, eu chegava do trabalho e ia direto para o bar encontrá-los. Um dia quando eu estava com muita raiva, eu vi que os caras iam cheirar um pó, eu resolvi pedir um pouco. Eu usei e gostei muito.

P: Do que você gostou?

S1: Gostei de me sentir forte, poderoso. Assim, eu passei a cheirar sempre que tava com muita raiva, ou seja, quase todos os dias. Eu não percebi que estava perdendo o controle, que eu já não conseguia me sentir bem sem aquilo.

P: E o trabalho e a relação com os demais familiares?

S1: A coca me deixava agressivo, eu xingava, maltratava todos ao meu redor quando tinha cheirado. Eu também comecei a faltar no trabalho e não me preocupava em arranjar uma desculpa para justificar. E fui faltando, faltando. Até que fui demitido de ambos os empregos. Quando cheguei nesse estado, minha mãe me convenceu a me internar.

P: Como sua mãe descobriu seu uso de drogas?

S1: Estranhou meu comportamento, né? Eu era um bom filho e de repente fico agressivo e começo a faltar no trabalho. Ela e a L. investigaram e encontraram um papelote de coca no bolso da minha calça.

P: Certo. E depois disso você foi internado?

S1: Sim, eu peguei todo o dinheiro que estava no banco e fui para uma clínica particular.

P: Como foi esse período?

S1: Difícil. Eu sentia vontade de usar, porque só falava de drogas o tempo todo. Você tenta não pensar no assunto, mas aí você passa o dia todo tendo palestras sobre drogas, depoimentos sobre drogas. Fica difícil não pensar, não sentir vontade. Fiquei lá uns 4 meses e depois saí.

P: E como foi o retorno ao lar?

S1: Olha, eu já estava com vontade. Voltei a sair para beber com os amigos, porque não queria ficar em casa. A cerveja para mim é como um aperitivo, ela abre o apetite para as drogas. Aí voltou tudo de novo. Mas dessa segunda vez foi mais feio, porque eu não tava trabalhando e já tinha gastado todo o meu dinheiro na clínica. Comecei a pedir dinheiro emprestado para minha mãe e se ela não dava, eu roubava da bolsa dela. Eu ficava dias sem aparecer em casa. Eu perdi a responsabilidade com tudo e com todos. Até que um dia, depois de uma semana na farra com uns colegas e cheirando com o dinheiro que roubei da minha mãe, eu volto para casa e minha mãe havia se mudado com meus irmãos. Os vizinhos falaram que ela havia se mudado e não tinha deixado endereço. Foi assim que fui parar na rua.

P: E a L.? E não havia outros parentes?

S1: Não queria mais viver com essa mulher. E não tinha nenhum parente próximo. No começo, eu passava um ou outro dia na casa de colegas, mas tinha vergonha da minha situação.

P: Como foi viver na rua?

S1: Na rua eu passei a fumar crack. Acho que em 10 dias já tava viciado. A vida na rua é basicamente o seguinte: você pede dinheiro no farol para comprar pedra, quando acaba a brisa, você vai pedir dinheiro de novo, assim vai o dia todo. Quando a situação tá muito feia, você vai ao albergue, toma banho, toma uma sopinha, troca de roupa. Na rua sempre que eu lembrava da L. eu queimava uma pedra. Eu acredito que ela seja a principal responsável por tudo o que me aconteceu.

P: Como você veio para esta ONG?

S1: Foi a assistente social do albergue que perguntou se eu queria mudar de vida. Eu disse que sim e ela me trouxe para cá.

P: E como tá sendo sua vida agora?

S1: Hoje eu trabalho como auxiliar de cozinha aqui da ONG. Estou limpo há quase 3 meses. Eu não tenho coragem de sair daqui, tenho medo de ver e ter uma recaída.

P: Você não teve mais contato com sua família?

S1: Não, e no momento nem quero. Ainda tenho muito mágoa de ter sido abandonado. Não tenho coragem nem de ver minha filha, pois tenho medo de ver a mãe dela.

P: Como você tem estruturado seu dia aqui?

S1: Eu acordo cedo, tomo banho, como, ajudo na cozinha, ajudo no jardim. Gosto de orar. Apreendi que é bom essa coisa de acordar cedo, de ser responsável. E o mais importante é me manter limpo só por hoje. Amanhã é outro dia, tem que viver um dia de cada vez.

P: Entendo. Obrigada pela entrevista.

Entrevista com sujeito 2

P: Como e quando iniciou sua experiência com substâncias químicas?

S2: Foi aos 15 anos de idade, quando fumei maconha em uma festa do colégio.

P: Foi por curiosidade? Você consegue encontrar um motivo para ter experimentado?

S2: Para ser sincera, eu sempre fui a feia da escola. Sabe aquela menininha zoada por ser feia e sem graça? Era eu. Eu sempre havia estudado na mesma escola desde o maternal até a 8ª série, as pessoas já tinham uma imagem formada de mim. No Ensino Médio, eu decidi mudar de escola, pois seria uma oportunidade de criar uma nova imagem. Porém, é óbvio que eu não poderia chamar atenção pela minha aparência, então eu tentei ser descolada, divertida.

P: Como foi na nova escola?

S2: Eu comecei a fazer amizade com uns caras mais velhos, do último ano. Essa galera falava de fumar maconha. No começo era só falar a respeito, até que teve essa festa e eu fumei. Acho que fumei para provar que eu era legal.

P: E como foi?

S2: Na primeira vez que fumei achei horrível, senti medo, queria sair correndo. Mas na segunda-feira isso foi compensado. Todo mundo falava de mim. Nossa eu era totalmente ignorada na outra escola, e me tornei popular.

P: Como era o relacionamento com os seus pais nessa época?

S2: Meus pais só trabalhavam. Eu estudava em colégio integral, por isso quase não os via, no final de semana também era só trabalho para eles. Eu me sentia muito sozinha, talvez por isso fosse tão relevante chamar atenção dos outros

P: E você passou a fumar com qual frequência?

S2: Todo final de semana nas festas. Era legal chocar as pessoas ao meu redor. Com o tempo passamos a matar aula para fumar maconha. No 3º ano começamos a fumar haxixe, que é mais forte e dá uma viagem mais intensa. E na faculdade, comecei a cheirar cocaína.

P: Como começou? Com quem usava?

S2: Foi logo no primeiro ano da faculdade, eu tava com 18 anos. O E. tava na minha sala. Ele era todo moderninho e fazia um estilo rebelde que me chamou a atenção. Eu queria chamar a atenção dele de qualquer jeito, por isso passei a frequentar os mesmos lugares que ele. Quando descobri que ele gostava de usar coca, fui puxar assunto com ele sobre drogas. Ele nunca me ofereceu nem me pressionou para usar nada. A primeira vez que usamos drogas juntos foi em um churrasco de um colega de classe. Eu que levei a maconha e ofereci para ele.

P: E o que ocorreu depois?

S2: Fumamos, bebemos e finalmente ficamos. Envolvi-me bastante com ele, porque agente se via todo dia na faculdade.

P: E quando começou o uso da cocaína?

S2: Na terceira vez que saímos a sós, eu comentei que gostaria de experimentar. Saímos do barzinho, fomos para o carro dele, ele preparou e cheiramos juntos.

P: Como foi essa primeira experiência?

S2: Eu senti uma euforia muito grande. Sabe, é claro que eu queria chamar a atenção do E., mas eu também tinha muita curiosidade de saber como era.

P: E o uso se tornou constante?

S2: Sim, durante os 13 meses seguintes, nós passamos a cheirar quase toda a semana. Nas férias, cheirávamos todas as semanas e nas semanas de pico quase todos os dias, algumas vezes a noite inteira. Nosso relacionamento era a 3: eu, ele e a coca.

P: Você se recorda se havia alguma situação especial em que vocês consumiam cocaína?

S2: Sempre quando íamos sair. A balada só fazia sentido com a coca. Nas noites de sexta e sábado chegávamos a ir 2, 3 vezes a boca buscar coca. E pegávamos 3 ou 4 papelotes de um grama por vez. Teve um dia em que o carro dele estava quebrado e era rodízio do meu. Eu nunca havia andado de ônibus no Brasil e me vi levando duas horas para ir e duas horas para voltar de uma favela de ônibus só para buscar droga.

P: Nesta época como andava a relação com seus pais e seus outros amigos?

S2: As pessoas começaram a falar que eu estava muito magra. Minha mãe comentava que eu devia cuidar da minha aparência. Eu sentia muita raiva, porque nunca me senti bonita e ainda tinha que ouvir isso. Meu pai continuava com a cabeça na empresa. Amigos de verdade, eu acho que nunca tive.

P: E a faculdade?

S2: O meu rendimento tava péssimo, mas também eu e o E. só matávamos aula.

P: Como seus pais descobriram?

S2: Bom, teve 1 semana em que o E. falou em terminar o namoro, porque reconheceu que estávamos nos afundando. Eu surtei, não aceitei, falei que o amava e que não viveria sem ele. Resumindo, eu o convenci a irmos para um motel. Mas, antes passamos na boca e compramos 10 papelotes. Ficamos 3 dias cheirando e bebendo muito. Só gastamos com comida 1 única vez. Todos os dias eu ligava em casa e dizia que estava na casa de uma amiga fazendo um projeto da *facu*. Só que eu não imaginava que essa amiga fosse ligar em casa perguntando de mim. Então, quando liguei em casa levei uma bronca e tive que voltar para casa para me explicar.

P: E o que ocorreu depois?

S2: Eu tava muito louca. Quando meus pais me viram naquele estado, forçaram-me a contar o que estava acontecendo. Chorei e contei tudo. Depois meus pais trancaram minha matrícula da faculdade e procuraram alguns especialistas em vício de drogas. E assim vim parar aqui.

P: Como está sendo encarar toda essa mudança?

S2: Sinto muita falta do E. Conversamos por telefone uma única vez depois de tudo isso. Ele me pediu desculpas, disse que não queria estragar minha vida. Mas é difícil, quando penso que ele pode estar com outra, enlouqueço. Aqui dentro a vida não é fácil. Nos primeiros 15 dias eu

era obrigada a ver palestras e participar de terapias de grupos. Estou sendo forçada a aceitar meu problema e a minha necessidade de tratamento. Eles falam em mudar meu estilo de roupa, de me relacionar com outros.

P: Como você esta se preparando para encarar o mundo lá fora novamente?

S2: Não sei, não vou encarar. Quando sair daqui, vou viajar para a Europa com minha mãe. Sei que eles inventaram essa viagem só para me afastar mais ainda do E. Isso é fuga. Tenho medo.

P: Gostaria de acrescentar algo?

S2: Acho que a psicóloga daqui está certa quando fala que meu problema tem muito mais haver com a relação obsessiva que mantinha com o E. do que com a dependência de coca. Sei lá, tem um vazio enorme dentro de mim. Eu sou feia, não tenho amigos nem irmãos para desabafar. Só queria deitar e dormir para sempre.

Entrevista com sujeito 3

P: Vamos começar a nossa entrevista?

S3: Vamos.

P: Você se considera dependente de qual tipo de droga?

S3: A minha droga era a bebida.

P: Conta um pouco como começou seu problema com a bebida alcoólica.

S3: Foi quando eu tinha 8 anos de idade. Foi logo depois da minha vida mãe falecer e o meu pai arranjar um trabalho em uma grande pedreira em Minas Gerais. Ele não podia ficar comigo e me deixou com um colega que era pedreiro. Eu e outras crianças trabalhávamos de ajudantes de construção para esse cara e em troca ele nos oferecia comida e um lugar para dormir. A gente não tinha diversão nenhuma na vida. A gente trabalhava o dia inteiro, nem tinha condições de estudar. Então a gente bebia para se divertir.

P: Não existiam outros parentes?

S3: Não a família dos meus pais era toda da Paraíba.

P: Como era seu dia-a-dia nessa construção?

S3: A gente entrava para trabalhar às 7 horas da manhã e saía às 18 horas da tarde. Até dormir ficávamos muito tempo à toa. E você sabe, cabeça vazia é oficina do diabo. Então o cara responsável começou a comprar vinho para a gente beber e ficar conversando até a hora de deitar. Depois de um tempo ele parou de comprar, mas aí eu já tava viciado. Comecei a comprar uma garrafa de vinho e bebia sozinho no meu quarto todo dia. Depois o vinho não era mais suficiente, comecei a beber conhaque. Também comecei a sentir necessidade física.

P: Necessidade física?

S3: Sim. Chegou uma época que se não tomava meu drinque pela manhã eu ficava tremendo demais, além de me sentir agitado, nervoso.

P: Ficou trabalhando para esse homem até quando?

S3: Até os 17 anos. Depois arranjei emprego em uma metalúrgica e saí dessa vida de peão de obra. Essa foi uma época boa. Aluguei um quartinho para mim. Conheci uma moça com quem fui morar. Essa época eu diminui bastante a cachaça. Mas tudo voltou quando eu me separei dela.

P: Porque vocês se separaram?

S3: Ficamos 3 anos juntos. Mas ela era muito ciumenta, brigávamos todo dia. Ela tinha ciúmes até da minha sombra. Quando essas brigas começam a me irritar, voltei a beber bastante. Um tempo depois, ela se irritou com minhas bebedeiras e me deixou.

P: O que ocorreu depois?

S3: Depois? Passei a beber demais. Não tinha quem me segurasse, aí vivia no bar após o trabalho. Eu nunca fui dessas pessoas que bebem para esquecer dos problemas. Bebida para

mim era diversão, era lazer. Mas como voltei a beber todo dia, logo voltei a sentir tremedeira se não bebia logo depois de acordar. Eu odiava sentir isso, então eu bebia logo para passar essa sensação.

P: E o trabalho?

S3: Apesar de tomar um gole todo dia antes do trabalho, eu nunca faltei no trabalho e fazia todas minhas tarefas. Só ficava um pouco nervoso no fim da tarde por causa da tremedeira. Mas graças a Deus, consegui me aposentar na metalúrgica.

P: Nesse tempo todo você teve outros relacionamentos afetivos?

S3: Tive, mas nada sério. Apreendi a ser sozinho.

P: E o seu pai?

S3: Nunca mais. Ele me esqueceu e eu também o esqueci.

P: Como você parou de beber?

S3: Foi com 39 anos, comecei a sentir muita dor na barriga e um mal-estar quando comia. Comecei a piorar muito, sentia fraqueza e minha barriga inchava. Então, fui procurar um médico. Tive que fazer um monte de exames, até que o médico falou que eu estava com cirrose hepática. Falou que eu podia morrer. Aí eu resolvi mudar. Vim procurar ajuda no A.A.. Aqui fiz amigos que tinham o mesmo problema que eu e que também procuravam a sobriedade.

P: E hoje? O que faz no seu cotidiano?

S3: Depois de me aposentar, eu me ocupo com o que gosto. Pedalo todo dia no parque, vou a igreja e nas procissões. E também sou padrinho aqui no A.A.

P: Você teve alguma recaída nesses anos?

S3: Não

P: Como você conseguiu se manter sóbrio todos esses anos?

S3: Primeiramente, foi o medo de morrer. Depois veio a força de vontade e também ocupei minha mente fazendo o que eu gosto.

P: Certo, obrigada pela entrevista.

Entrevista com sujeito 4

P: Vamos à entrevista?

S4: Claro.

P: Você se recorda da primeira vez que você utilizou drogas?

S4: Pode ser bebida? Porque o que utilizei pela primeira vez foi álcool mesmo.

P: Claro, quero saber um pouco mais de sua primeira experiência.

S4: Olha, quando eu tinha 12 anos e minha família fomos passar um feriado na chácara dos meus avós. Em um dos dias, eu e mais 2 primos aproveitamos que os adultos haviam saído e roubamos algumas garrafas de bebida de um armário e bebemos.

P: Você se recorda se houve alguma motivação especial para tomar a bebida alcoólica neste dia?

S4: Acho que foi curiosidade mesmo. A gente via os adultos da nossa família bebendo e parecia que era que se precisava fazer para ser considerado adulto. E nessa idade a gente quer deixar de ser visto como criança. Então, fomos beber. Nós pegamos um copo e enchemos de licor. Meus primos tomaram um gole, fizeram caretas e não conseguiram tomar mais. Eu até achei o gosto forte, mas bebi até o copo esvaziar.

P: E como você se sentiu após beber?

S4: Fiquei meio tonto e com muita vontade de vomitar. Mas segurei o vômito porque meus primos estavam me elogiando, dizendo que eu era forte. Eu gostei de ouvir aquilo.

P: Depois desse dia você voltou a beber?

S4: 2 ou 3 vezes. Sempre escondido e com meus primos. Na escola com uns 15 anos, eu comecei a fumar maconha com os amigos.

P: Porque começou a fumar maconha?

S4: Acho que porque todo mundo fazia. A gente tinha aula de manhã e no período da tarde tinha aula de línguas ou educação física. Nesse meio tempo, quando saíamos para almoçar, fumávamos maconha em uma quadra de esportes que havia próximo ao colégio.

P: Seus pais ou professores não percebiam?

S4: Os professores faziam vista grossa. Os meus pais são separados. Eu morava só com minha mãe, quando eu chegava em casa o efeito já havia passado

P: Com qual frequência você fumava?

S4: 4 ou 5 vezes por semana.

P: Existia alguma situação em que dava vontade de usar?

S4: Não. A vida era muito boa e ficava melhor ainda quando se estava chapado.

P: O que era tão bom?

S4: Tudo. A sensação no corpo era muito boa, o coração acelerado, a sensação que o tempo passava devagar. Mas depois de um tempo a maconha já não fazia mais efeito em mim. Aí fui conhecer o chá de cogumelo, o LSD, o chá de cogumelo, o lança-perfume e a cocaína.

P: Em que situação você usou essas drogas?

S4: Festas, shows, churrascos na casa de amigos. A intenção era se divertir.

P: De qual dessas drogas você se considera dependente.

S4: Cocaína.

P: Quando começou a utilizá-la?

S4: Na faculdade. Um dia fui assistir um jogo de futebol em um boteco que ficava do lado da faculdade, uns colegas me ofereceram e eu não hesitei em aceitar. Primeiro comecei a usar todo final de semana, mas em pouco tempo passei a usar diariamente. Mas eu não me considerava dependente, porque eu conseguia conciliar a faculdade e o estágio. Com o passar do tempo eu comecei a faltar nas aulas e me irritava facilmente com minha mãe.

P: E como sua mãe reagiu a sua mudança de comportamento?

S4: Ela passou a me investigar. As brigas foram se tornando intensas principalmente quando ela achou uma cápsula nas minhas coisas.

P: O que aconteceu?

S4: Minha mãe e meu pai se reuniram, depois me chamaram para conversar. Nessa conversa eles me convenceram a me internar.

P: E você achava que era importante?

S4: Não. Achava que era perda de tempo, que era desnecessário. Mas fui.

P: E como foi esse período de internação?

S4: Cheguei a ficar 3 meses em tratamento. Eu realmente me achava curado, pois nem pensava mais em droga.

P: E o retorno para casa foi tranquilo?

S4: Foi, mas quando fui para faculdade voltei a usar. Um dia depois da aula um colega me convidou para cheirar. E eu simplesmente me deixei levar. Algum tempo depois já tava cheirando novamente todo dia.

P: E seus pais?

S4: Quando perceberam que eu estava usando de novo, começaram a negar dinheiro. Para bancar meu vício eu cheguei a vender minha moto e a roubar o cofre de casa. Depois de tudo isso, vim parar de novo aqui.

P: Há quanto tempo você está aqui?

S4: Vinte dias. Mas dessa vez eu estou realmente interessado em mudar, em ser alguém diferente.

